

# Contos para recontar

Programa Círculos de Leitura



**braudel  
instituto**

Programa  
Círculos  
de Leitura

Há 24 anos o **Programa Círculos de Leitura**, do **Instituto Braudel**, leva às *escolas públicas* obras clássicas e contemporâneas da literatura mundial. Dessa forma, promovemos o desenvolvimento integral dos estudantes por meio da leitura e da escrita com jovens do *Ensino Fundamental II e Médio*.

Formamos jovens líderes, chamados **multiplicadores**, para a mediação de pequenos grupos de leitura e discussão. O **Programa** atua como um parceiro das escolas, fortalecendo o pilar de protagonismo juvenil e auxiliando no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita e das competências gerais da *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*.

### **Círculos de Leitura em números**

363 escolas participantes

2.176 alunos multiplicadores formados

58.200 alunos participantes

### **Torne-se um patrocinador**

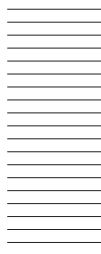
Apoie o **Programa Círculos de Leitura**. Precisamos do seu apoio para expandir o **Programa** que já impacta a vida de milhares de jovens em São Paulo e no Ceará.



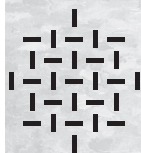








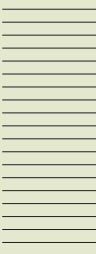
# Contos para recontar



**braudel  
instituto**

Programa  
Círculos  
de Leitura





*E foi assim Glauco,  
que o mito se salvou;  
e pode te salvar se lhe deres  
crédito*

**Platão**

# Sumário

Apresentação **9**

Relato de experiência • Nicolas Tavares Gomes **12**

As histórias querem ser contadas • Catalina Pagés **15**

Alguns aspectos do conto • Julio Cortázar **18**

## Parte 1

O catador de pensamentos • Monika Feth **27**

• Reflexões: “O catador de pensamentos” **34**

O pintor, a cidade e o mar • Monika Feth **48**

• Reflexões: “O pintor, a cidade e o mar” **55**

Arte chinesa e arte grega • Jelaluddin Rumi **62**

Os artistas chineses e gregos • Regina Machado **64**

• Reflexões: “Arte chinesa e arte grega” **69**

• Se alguém vai mudar o mundo são as crianças • Yuval Harari **72**

• Como sentir-se parte desse mundo? • Débora Nascimento **77**

Sobre a verdade • Regina Machado **79**

• Quando as cadeiras dão as mãos • Mariana Fernandes **83**

De muito procurar • Marina Colasanti **84**

• Reflexões: “De muito procurar” **88**

O cooper de Cida • Conceição Evaristo **93**

• Reflexões: “O cooper de Cida” **100**



## Parte 2

No aconchego de um turbante • Marina Colasanti **105**

A cidade dos cinco ciprestes • Marina Colasanti **109**

Negócio de menino com menina • Ivan Ângelo **112**

A menina • Ivan Ângelo **116**

A lenda das areias • Conto Sufi **122**

Instituto Fernand Braudel **127**

Programa Círculos de Leitura **129**

Créditos **131**



# Apresentação

Existem histórias que nos transformam quando lemos, ouvimos, contamos e recontamos. Há uma espécie de poder nas entrelinhas das narrativas, como diz a escritora e psicóloga Clarissa Pinkola Estés: “As histórias são bálsamos medicinais. Elas têm uma força! Não exigem que se faça nada, que se aja de algum modo — basta que prestemos atenção.” Há mais de vinte anos o programa Círculos de Leitura conta e reconta histórias nas escolas públicas do Brasil. Neste módulo de leitura, reunimos histórias curtas, contos, lendas, narrativas que não se estendem em tamanho, mas continuam crescendo dentro e fora de nós.

Essa reunião de contos é uma homenagem à arte milenar de contar e ouvir histórias. “O Banquete” de Platão começa com uma contação de história. Assim como vários contos de Machado de Assis, que tem início com a voz de um narrador que nos convoca como ouvintes, nos chama para entrar na narrativa e pede para prestar atenção naquela história que vai contar, uma história que ele viveu, mas não entende muito bem e por isso precisa contar. É como se o narrador dissesse: me ajuda a entender o que eu vivi e não entendi. O “Grande Sertão Veredas” de Guimarães Rosa é outro exemplo de uma obra em que o narrador conta sua história para uma pessoa que está disposta a ouvir. Esses diferentes exemplos confirmam que é possível elaborar o vivido por meio da contação de histórias.

Apresentamos aqui um texto do escritor argentino Julio

Cortázar que revela a potência dos contos, para ele “um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que lhe fluíam virtualmente na memória ou na sensibilidade; um bom tema é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até que o contista, astrônomo de palavras, nos revela sua existência.”

Ele diz que cada pessoa tem um conto favorito, um tema que pode chamar de seu e, no grupo, nos fortalecemos ao reconhecer que o tema do outro é também o nosso tema.

Partindo desta imagem proposta por Cortázar, costuramos as histórias deste livro entrelaçando ideias, combinando e ampliando temáticas que sempre se repetem.

Certa vez, uma aluna que estava participando de uma formação na Casinha do Círculo de Leitura se surpreendeu ao ver como escritores de épocas e lugares diferentes escreviam sobre os mesmos temas, como se todas aquelas obras pudessem ter sido escritas por um mesmo escritor. Seria isso uma casualidade? Lendo Cortázar e lembrando Thomas Mann, temos a certeza de que essas histórias, as que escolhemos e as que nos escolheram, foram de alguma forma escritas não só pelos autores e autoras, mas também pelo espírito da narrativa.

Neste módulo de leitura você vai encontrar contos com reflexões e textos complementares na parte um e contos sem acompanhamento de roteiro na parte dois. Na parte um, a ideia das reflexões é abrir um caminho de possibilidades. Elas se ampliam à medida que as pessoas conversam, surgindo novas ideias e conectando novos temas. O grupo pode sempre

ir além das reflexões propostas, elas são apenas possibilidades interpretativas, janelas que abrem para paisagens ainda mais vastas.

Às vezes acontece um fenômeno curioso no grupo: o texto é lido com envolvimento e intensidade, os participantes começam a conversar e a criar relações, desdobrando os temas encontrados na leitura e de repente chega o momento da rodada final e as reflexões propostas no módulo não foram lidas. Sendo assim, os textos da parte 2 deste módulo não acompanham textos reflexivos ou complementares. A proposta é ler e reler em voz alta, deixar que as ideias e temas surjam espontaneamente daquele círculo.

Encerramos essa coletânea com o conto “A lenda das areias”, que recupera o tema presente em “Perdoando Deus”, de Clarice Lispector. Ao confiar nas areias e se entregar ao vento, o Rio “recordou vagamente um estágio em que ele, ou uma parte dele, não sabia qual, fora transportada nos braços do vento”. Clarice, de forma similar, nos fala da necessidade de se entregar ao “magnificat que entoa às cegas sobre o que não se sabe nem vê”. A verdadeira vida acontece na entrega e esses contos nos fazem lembrar daquele tempo em que também fomos embalados.

Convidamos vocês a escreverem sobre a experiência, registrando os temas que surgiram e dando continuidade a conversa infinita do Círculos de Leitura.

Escreva para nós no email:

[circulosdeleitura@braudel.org.br](mailto:circulosdeleitura@braudel.org.br)

ou no instagram [@circulosdeleituraoficial](https://www.instagram.com/circulosdeleituraoficial)

## Relato de experiência

Nicolas Tavares Gomes \*

É muito comum começar o dia com uma agenda pronta. Saber que horas acordar e o que vai acontecer em cada hora que está por vir. Apesar de alguns imprevistos que ocasionalmente aparecem, é difícil algo realmente nos tirar da rotina que estamos acostumados. No entanto, há certas coisas que simplesmente não sabemos o que esperar. Tenho certeza que essa sensação acontece com todos que participam de algum encontro do Círculos de Leitura.

Toda sexta feira à tarde me reúno com alguns amigos que participam do mesmo programa que eu — o Programa Aquarela — e outras pessoas para a leitura de alguma obra. Sim, alguma obra. Eu nunca sei o que iremos ler, a não ser que não tenhamos terminado nada no último encontro. Começamos a conversar aos poucos. Alguns falam mais, outros menos, mas todos participam deste diálogo. Percebe-se facilmente logo no início do Círculos que o que realmente importa naquele momento não é o seu trabalho, a sua faculdade ou o que você gosta de fazer, mas sim o que acontecerá naquele momento e como você participará de tudo aquilo.

*\* Aluno do Círculos de Leitura no Programa Aquarela. No ano de 2004, o Instituto Braudel era parceiro do Aquarela, programa da Unilever de desenvolvimento e capacitação de jovens estudantes de escolas públicas.*

Inicia-se a leitura. Você lê o tanto que quiser. Alguém que está ao seu lado continua, e depois passa para outro, e para outro, e para outro. As obras vão desde algo bem conhecido, como Shakespeare ou Machado de Assis, até pequenos contos não famosos mas muito lindos, tais como “Os Artistas Chineses e Gregos”, de Regina Machado, ou também “O Pintor, A Cidade e o Mar”, de Monika Feth. A qualquer momento alguém pode interromper a leitura para perguntar, questionar, elogiar ou criticar e a partir daí surge um diálogo muito interessante sem ter necessariamente uma hora para acabar.

Por que será que isso acontece? Quem participa sabe que não é necessariamente a leitura em si, mas é muito mais o que está por trás dela. Algo que pode parecer simplesmente uma novela se torna um livro de segredos e aprendizados quando é lido no Círculos de Leitura. Não é só o conto, mas é o que você leva para a sua vida, para seus relacionamentos, para seu dia a dia no trabalho ou na faculdade e para você mesmo. E nada disso é feito sozinho: o aprendizado se constrói em um diálogo aberto onde o importante não são as diferenças que



existem entre você e as pessoas que estão ao seu redor, mas sim como vocês interagem entre si e mesmo com opiniões diferentes se respeitam, argumentam calmamente, sabem o momento de falar e o momento de ouvir e sabem que tudo aquilo irá impactar diretamente a vida de vocês em algum momento futuro. Este impacto pode levá-lo a conhecer o amor da sua vida, por exemplo (sim, este é um relato pessoal).

O que cada encontro do Círculos vai nos apresentar é sempre um mistério. A única certeza é de que nunca há arrependimentos, e mesmo quando a obra em si não é tão aceita pelo grupo, os aprendizados continuam, por incrível que pareça. É uma construção que não pode ser derrubada, uma vez que nós entendemos a importância desses encontros. Crescemos pouco a pouco, mas crescemos sábios e prontos para enfrentar qualquer situação de nossa vida. “Círculos de Leitura” é apenas o nome oficial, pois a leitura em si é só o ponto de partida para um momento único de prazer, conhecimento, aprendizado e interação que nunca se pode prever. Como diria o Pequeno Príncipe, “o essencial é invisível aos olhos”.

## As histórias querem ser contadas

Catalina Pagés

O contador de histórias assim como o “aedo”, o rapsodo da antiga Grécia, guarda consigo os feitos dos heróis e sente-se muito feliz ao contar, em mínimos detalhes como tudo aconteceu. O seu procedimento vem de um conhecimento, que garante a conservação e a transmissão de tudo que deve ser aprendido.

O seu dom não é apenas resultado da técnica, mas da capacidade de apresentar os feitos dos heróis, que, como por encanto, ressurgem diante de nós.

A história que ele conta se encarrega de fazer de seu ouvinte um novo contador de histórias, que com muito prazer e até por necessidade, buscará um novo ouvinte.

A capacidade fantástica de entrar em contato, instantaneamente, com diversos universos, permite a nós do século XXI apossarmos-nos de inimagináveis avanços tecnológicos. No entanto, quando colocamos as crianças na cama, na hora de dormir, continuamos contando histórias para embalar seu sono: todas as noites elas querem que se repita a mesma narrativa, reclamando quando mudamos algum detalhe. A criança se reconhece nestas histórias fantásticas e é através delas que constrói seu psiquismo.

Os mitos fazem parte do patrimônio da humanidade e suas origens já se perderam no tempo.

No entanto, são eles que constroem nosso senso de pertença

ao gênero humano. Platão, ao conversar com seus discípulos, em algum momento, parava e recorria a uma história, pois sabia que, assim, ilustraria melhor o que pretendia transmitir. Desde então, a humanidade jamais abandonou este recurso: a história como uma forma de conhecimento, que completa as demais.

Ainda hoje, conferencistas, líderes e professores, quando estão expondo suas idéias, em algum momento recorrem a este mesmo recurso, pois sabem que, deste modo, conseguirão passar suas idéias de forma clara e prazerosa. Como diz o poema *Ulisses*, de Fernando Pessoa:

O mito é um nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É o mito brilhante e mudo –  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.

Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.

**Mensagem.** Fernando Pessoa. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934 (Lisboa: Ática, 10<sup>a</sup> ed. 1972).

## Alguns aspectos do conto

Julio Cortázar

O escritor comprometido em maior ou menor grau com a realidade histórica que o contém, escolhe um determinado tema e faz com ele um conto. Esta escolha do tema não é tão simples. Às vezes o contista escolhe, e outras vezes sente como se o tema se lhe impusesse irresistivelmente, e o impelisse a escrevê-lo. No meu caso, a grande maioria dos meus contos foram escritos – como dizê-lo? – independentemente de minha vontade, por cima ou por baixo de minha consciência, como se eu não fosse mais que um meio pelo qual passava e se manifestava uma força alheia. Mas isto, ou que quer que seja, que pode depender do temperamento de cada um, não altera o fato essencial: num momento dado há tema, já seja inventado ou escolhido voluntariamente, ou estranhamente imposto a partir de um plano onde nada é definível. Há tema, repito, e esse tema vai se tornar conto. Antes que isto ocorra, que podemos dizer do tema em si? Por que este tema e não o outro? Que razão leva, consciente ou inconscientemente, o contista a escolher um determinado tema?

Parece-me que o tema do qual sairá um bom conto é sempre excepcional, mas não quero dizer com isto que um tema deva ser extraordinário, fora do comum, misterioso ou insólito. Muito pelo contrário, pode tratar-se de uma história perfeitamente trivial e cotidiana. O excepcional reside numa qualidade parecida a do ímã; um bom tema atrai todo um

sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que lhe flutuavam virtualmente na memória ou na sensibilidade; um bom tema é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até que o contista, astrônomo de palavras, nos revela sua existência. Ou então, para sermos mais modestos e mais atuais, ao mesmo tempo um bom tema tem algo de sistema atômico, e núcleo em torno do qual giram os elétrons; e tudo isso, afinal, não é já como uma proposição de vida, uma dinâmica que nos insta a sairmos de nós mesmos e a entrarmos num sistema de relações mais complexo e mais belo? Muitas vezes tenho me perguntado qual será a virtude de certos contos inesquecíveis. (...) Os anos se passaram e vivemos e esquecemos tanto; mas esses pequenos, insignificantes contos, esse grãos de areia no imenso mar da literatura continuam aí, palpitando em nós. Não é verdade que cada um tem sua própria coleção de contos? Eu tenho a minha e poderia citar alguns nomes. Tenho “William Wilson”, de Edgar A. Poe, tenho “Bola de Sebo” de Guy de Maupassant... Os pequenos planetas giram: aí está “Uma Lembrança de Natal” de Truman Capote, “Tlon”, “Uqbar”, “Orbis”, “Tertius”, de Jorge Luís Borges, “Um Sonho Realizado” de Juan Carlos Onetti, “A Morte de Ivan Illich” de Tolstói, “Fifty Grand”, de Hemingway, “Os Sonhadores”, de Isak Dinesen, e assim poderia continuar e continuar... Os senhores já terão advertido que nem todos esses contos são obrigatoriamente antológicos. Por que perduram na memória?

Pensem nos contos que não puderam esquecer e verão que todos eles têm as mesmas características: são aglutinantes de uma realidade infinitamente mais vasta que a do seu mero argumento, e por isso influíram em nós com uma força que nos faria suspeitar da modéstia do seu conteúdo aparente, da brevidade do seu texto. E esse homem, que num determinado momento escolhe um tema e faz com ele um conto, será um grande contista se sua escolha contiver – às vezes sem que ele o saiba conscientemente – essa fabulosa abertura do pequeno para o grande, do individual e circunscrito para a essência mesma da condição humana. Todo conto perdurável é como a semente onde dorme a árvore gigantesca. Essa árvore crescerá em nós, inscreverá seu nome em nossa memória.

Entretanto, é preciso aclarar melhor esta noção de temas significativos.

Um mesmo tema pode ser profundamente significativo para um escritor, e anódino para outro; um mesmo tema despertará enorme ressonância num leitor e deixará indiferente a outro. Em suma, pode-se dizer que não há temas absolutamente significativos ou absolutamente insignificantes. O que há é uma aliança misteriosa e complexa entre certo escritor e certo tema num momento dado, assim como a mesma aliança poderá acontecer logo entre certos contos e certos leitores. Por isso quando dizemos que um tema é significativo, como no caso dos contos de Tchecov, essa significação se vê determinada em certa medida por algo que está fora do tema em si, por algo que está antes e depois do tema. O que está antes é o escritor, com sua carga de valores humanos e literários, com a sua vontade



de fazer uma obra que tenha um sentido; o que está depois é o tratamento literário do tema, a forma pela qual o contista, em face do tema, ataca-o e o situa verbal e estilisticamente, estrutura-o em forma de conto, projetando-o em último termo em direção a algo que excede o próprio conto. Aqui me parece oportuno mencionar um fato que me ocorre com frequência e que outros contistas amigos conhecem tão bem quanto eu. É comum que, no curso de uma conversa, alguém conte um episódio divertido ou comovente ou estranho e que, dirigindo-se logo ao contista presente, lhe diga: “Aí tem você um tema formidável para um conto; lhe dou de presente”. Já me presentaram assim com uma porção de temas e sempre respondo amavelmente: “Muito Obrigado”, e jamais escrevi um conto com qualquer deles. Contudo, certa vez uma amiga me contou distraidamente as aventuras de uma criada sua em Paris. Enquanto ouvia a narrativa, senti que isso podia chegar a ser um conto. Para ela esses episódios não eram mais que histórias curiosas; para mim, bruscamente, se impregnavam de um sentido que ia muito além do seu simples e até vulgar conteúdo. Por isso, toda vez que me perguntam: “Como distinguir entre um tema insignificante – por mais divertido ou emocionante que possa ser – e outro significativo?”, respondo que o escritor é o primeiro a sofrer esse efeito indefinível mas avassalador de certos temas, e que precisamente por isso é um escritor. Assim como para Marcel Proust o sabor de uma madeleine molhada no chá abria subitamente um imenso leque de recordações aparentemente esquecidas, de modo análogo o escritor reage diante de certos temas, da mesma forma que

seu conto, mais tarde, fará reagir o leitor. Todo conto é assim predeterminado pela aura, pela fascinação irresistível que o tema cria no seu criador.”

Chegamos assim ao fim desta primeira etapa do nascimento de um conto e tocamos o umbral da sua criação propriamente dita. Eis aí o contista, que escolheu um tema, valendo-se dessas sutis antenas capazes de lhe permitir reconhecer os elementos que logo haverão de se converter em obra de arte. O contista está diante do seu tema, diante desse embrião que já é vida mas que não adquiriu ainda sua forma definitiva. Para ele esse tema tem sentido, tem significação. Mas se tudo se reduzisse a isso, de pouco serviria; agora, como último termo do processo, como juiz implacável, está esperando o leitor, o elo final do processo criador, o cumprimento ou o fracasso do ciclo. E então o conto tem que nascer ponte, tem que nascer passagem, tem que dar o salto que projete a significação inicial, descoberta pelo autor, a esse extremo mais passivo e menos vigilante e, muitas vezes, até indiferente, que chamamos leitor. Os contistas inexperientes costumam cair na ilusão de imaginar que lhes bastará escrever fluentemente um tema que os comoveu, para comover por seu turno os leitores. Incorrem na ingenuidade daquele que acha belíssimo o próprio filho e dá por certo que os outros o julguem igualmente belo. Com o tempo, com os fracassos, o contista, capaz de superar essa primeira etapa ingênua, aprende que em literatura não valem as boas intenções. Descobre que para voltar a criar no leitor essa comoção que o levou a ele próprio escrever o conto, é necessário um ofício de escritor, e que esse ofício consiste entre muitas outras

coisas em conseguir esse clima próprio de todo grande conto, que o obriga a continuar lendo, prende sua atenção, isola o leitor de tudo o que o rodeia, para depois, terminado o conto, voltar a pô-lo em contato com o ambiente de uma maneira nova, enriquecida, mais profunda e mais bela. E o único modo de se poder conseguir esse sequestro momentâneo do leitor é mediante um estilo baseado na intensidade e na tensão, um estilo no qual os elementos formais e expressivos se ajustem, sem a menor concessão, à índole do tema, e que lhe dêem a forma visual e auditiva a mais penetrante e original, que o tornem único, inesquecível, e que o fixem para sempre no seu tempo, no seu ambiente e no seu sentido primordial. O que chamo intensidade num conto consiste na eliminação de todas as ideias ou situações intermédias, de todos os recheios ou fases de transição que o romance permite e mesmo exige. Nenhum dos senhores terá esquecido “O Tonel de Amontillado.”, de Edgar A. Poe. O extraordinário deste conto é a brusca renúncia a toda descrição de ambiente. Na terceira ou quarta frase estamos no coração do drama, assistindo ao cumprimento implacável de uma vingança.



# Parte 1



## O catador de pensamentos

Monika Feth

Todas as manhãs, exatamente às seis e meia, o Sr. Rabuja passa pela casa onde moro. Ele anda arrastando os pés e de longe ouço o barulho de seus passos pela calçada. Na verdade, nessa hora meu bairro é muito sossegado. Antes das oito quase não há movimento. De vez em quando um gato atravessa a rua correndo e desaparece sem fazer barulho no jardimzinho tranqüilo de alguma casa. Outras vezes, o vento traz até mim o ruído distante da auto-estrada. Fora isso, não acontece mais nada.

O sono ainda cobre os telhados como um cobertor quentinho. Corro para abrir a janela, debruço sobre o peitoril e dou uma olhada na calçada lá embaixo. E lá vem ele, às vezes passando o primeiro poste, às vezes o segundo, aproximando-se devagar, de corpo encurvado. Quando passa debaixo da minha janela, levanta a cabeça, pigarreia e me diz com voz suave:

— Bom dia!

— Bom dia, Sr. Rabuja! — respondo em voz baixa. Em geral nossa conversa continua assim:

— Que dia lindo, não é mesmo?

Ou então:

— Já trabalhando a esta hora da manhã?

Em seguida ele se despede inclinando a cabeça sorridente e vai embora com seu passo arrastado. Continuo olhando até



vê-lo virando a esquina. Isso acontece todas as manhãs, no inverno e no verão. O Sr. Rabuja nunca falha. Nunca atrasa. Posso até acertar meu relógio, de tão pontual que ele é.

O único casaco que possuí, gasto e surrado, balança quando ele anda e vai até os joelhos. Um velho boné desbotado, bem puxado sobre o rosto, deixa seus olhos na sombra. Nas costas ele leva uma mochila amarrotada, presa com uma tira de couro muito gasta. Movimenta-se como alguém que não sabe o que é pressa.

É um homem velho e as pessoas velhas muitas vezes parecem ter os bolsos cheios de tempo. Cuidadosamente guardam cada minuto, cada hora e cada dia de sua existência; como outros, colecionam quadros, porcelanas e móveis.

Lá pelas duas da tarde o Sr. Rabuja passa novamente por minha casa. Às vezes um pouco antes, às vezes um pouco depois, dependendo do tempo que levou para concluir sua tarefa.

O Sr. Rabuja é catador de pensamentos. Pensamentos bonitos e feios, alegres e tristes. Pensamentos inteligentes e bobos, barulhentos e silenciosos, compridos e curtos. No fundo, todos são importantes para ele, mesmo tendo, é claro, os seus preferidos. Mas isso ele não demonstra, para não ferir os outros pensamentos, pois todo mundo sabe que pensamentos são coisas muito sensíveis.

Enquanto passeia pelas ruas, becos e recantos da cidade, o Sr. Rabuja está sempre atento. É que ele consegue ouvir pensamentos. Mesmo através das paredes grossas das casas ou a muitos quarteirões de distância.

Nem o menor pensamento lhe escapa. Assim que ouve algum,

ele abre a mochila, assobia suavemente, e aquele pensamento logo chega voando, entra na mochila e se junta aos outros que já se encontram lá dentro.

Alguns vêm voando suavemente, outros se aproximam tão depressa que quase derrubam o Sr. Rabuja. Uns acham logo a entrada da mochila, outros demoram um tempo. Alguns são tão inquietos e desajeitados que escorregam e caem na calçada. Cada pensamento tem seu comportamento próprio. Pensamentos são coisas imprevisíveis.

O Sr. Rabuja, que nesses longos anos já viu muita coisa, às vezes pára, fica pensativo e balança a cabeça. Acho que se pergunta, admirado, pela centésima vez, como os pensamentos podem ser tão diferentes uns dos outros.

Depois de recolher todos os pensamentos que encontrou pela cidade, ele amarra cuidadosamente a mochila e volta para casa, com o corpo ainda mais encurvado, por causa do peso dos pensamentos. Dizem que pensamentos são mais leves que plumas ou flocos de neve, mas nem todos. Alguns pesam mais de um quilo.

Ao passar por minha janela, ele me pisca um olho. Respondo com um aceno e volto ao trabalho.

O Sr. Rabuja mora na saída da cidade, numa casinha rodeada de hortas e jardins. A casinha tem dois cômodos e um banheiro no quintal. O primeiro cômodo funciona como cozinha, sala e quarto de dormir; o segundo, como local de trabalho. O Sr. Rabuja não precisa de muito espaço.

Como as caminhadas o deixam com fome e cansado, primeiro ele come alguma coisa, depois descansa um pouco.

Mais tarde pega a mochila e vai para o seu quarto de trabalho. Lá, estende um pano grande e macio, abre a mochila e despeja os pensamentos. Pondo de lado a mochila vazia, ele se agacha, desembaraça e separa os pensamentos emaranhados e os guarda, em ordem alfabética, em grandes prateleiras.

Na prateleira da letra A, por exemplo, encontramos os pensamentos acanhados, aflitivos, agressivos, amalucados, amáveis, arrojados... Na prateleira da letra B encontramos os pensamentos belos, blasfemos, bobos, bonachões, bondosos, brilhantes, burlescos... Na prateleira da letra C temos os pensamentos caóticos, corajosos, criteriosos, curiosos...

A arrumação exige toda a atenção do Sr. Rabuja, pois os pensamentos são quase transparentes e muito fáceis de serem confundidos. Às vezes acontece de um ou outro pensamento se esconder em algum canto, só para chatear o Sr. Rabuja. Então, ele procura aquele pensamento de joelhos por todo o quarto, por todos os cantos escuros. Mas isso não é muito frequente e só acontece com os pensamentos atrevidos, animados, marotos e com os vulgares. Como o Sr. Rabuja é um homem pacífico, basta ele ter um pensamento especialmente bonito nas mãos para se esquecer de tudo o mais. Depois de terminar a classificação, ele deixa os pensamentos descansando um pouco nas prateleiras, para ficarem bem suculentos, como frutas maduras. Isso leva mais ou menos duas horas. Aí ele começa a retirá-los, um a um, e a depositá-los com muito cuidado num grande cesto de vime. Depois leva todos para fora.

Em volta da casa há muitos canteiros, grandes, limpos e prontos para serem utilizados. O Sr. Rabuja vai tirando os

pensamentos do cesto, um a um, e os planta nos canteiros. No inverno ele os planta numa estufa que há no fundo do jardim. Só depois de limpar o último grãozinho de terra das mãos, o Sr. Rabuja considera terminada a sua tarefa do dia. Aí entra em casa, se ajeita em sua poltrona, põe as pernas para cima, toma uma ou duas xícaras de chá lendo o jornal e em seguida se deita para dormir.

Na manhã seguinte o despertador toca muito cedo. O Sr. Rabuja põe seu roupão e corre para a janela. Lá fora, nos canteiros úmidos de orvalho, brilham no amanhecer avermelhado as flores mais magníficas e raras que se pode imaginar. São azul-pálidas, vermelhas, cor de tijolo, douradas, amarelas, cor de casca de ovo; algumas listradas, outras pintadinhas; algumas têm pétalas delicadas e finas; outras, botões fortes e carnudos; alguns caules são lisos e frágeis; outros, ásperos e fortes, como troncos de árvores jovens. Todas juntas, elas enchem o ar de um perfume suave e maravilhoso.

O Sr. Rabuja não perde tempo: toma banho, se veste e toma seu café da manhã. Sabe que tem pouco tempo para contemplar as flores dos pensamentos. Ainda sonolento, sai de casa, coloca uma espreguiçadeira bem em frente aos canteiros, senta e se cobre com um cobertor. Sem que ele se dê conta, a aurora se transforma na claridade do dia. É então que a coisa acontece.

Pouco a pouco, com grande delicadeza, as flores se dissolvem. Elas se desfazem em inúmeras partículas que parecem floquinhos de poeira dançando ao sol. Ao primeiro ventinho, se dispersam, colorindo todo o céu.

Nesse momento surge uma melodia de tal suavidade que o

Sr. Rabuja mal consegue ouvi-la. Ele põe a mão atrás da orelha e se inclina para frente. Seu rosto atento vibra. Em seguida, tudo chega ao fim. Ele tira a mesa do café da manhã, puxa o boné sobre o rosto, pendura a mochila nas costas e começa sua caminhada. Às seis e meia, dobra a esquina e se aproxima de minha casa.

Muitas vezes já lhe pedi que me deixasse acompanhá-lo em sua tarefa diária. Nunca consegui. Ele diz que os pensamentos são muito tímidos e que se descobrem algum estranho por perto vão correndo se esconder. Por isso, antes de chamá-los, o Sr. Rabuja tem que esperar até não haver ninguém por perto. Por precaução, ele altera diariamente seu trajeto, e até construiu uma cerca alta em volta do jardim de sua casa. Às vezes, porém, em certas noites, ele me fala de seu trabalho. Se não fosse assim, como eu saberia todas as coisas? Ele fica sentado na minha frente, na sala de minha casa, girando a xícara de chá nas mãos enrugadas. Enquanto do lado de fora da janela tudo está muito escuro, o Sr. Rabuja cruza as pernas e começa a falar em voz baixa.

— O vento leva consigo as minúsculas partículas das flores dos pensamentos. Elas voam cada vez mais alto e pairam sobre os telhados da cidade ainda imersa no sono. Depois descem, enfiam-se em todas as janelas, em todas as frestas e fendas das casas. Pousam cuidadosamente na testa das pessoas que estão sonhando e ali se transformam em novos pensamentos. Se não existissem catadores de pensamentos, estes ficariam o tempo todo se repetindo e provavelmente um dia deixariam de existir.

O Sr. Rabuja toma mais um gole de chá, limpa a boca com a manga do casaco e olha para mim com ternura.

— Todas as cidades têm catadores de pensamentos como eu. Nas cidades grandes há até dois ou três. Só que quase ninguém sabe, porque eles trabalham o mais discretamente possível. A maioria tem nomes esquisitos. Puro disfarce. Quem iria imaginar, por exemplo, que um homem que se chama Rabuja pudesse ser catador de pensamentos?

Dizendo isso sorri com ar misterioso. Eu fico muito orgulhosa de ter sido escolhida para ouvir suas confidências. E, quando tarde da noite ele sai de minha casa, com seu passo arrastado, às vezes tenho a impressão de sentir de leve o perfume das flores dos pensamentos. E assim caio no sono, tranqüila, sem pensamento nenhum.

## Reflexões: “O catador de pensamentos”

Caminhos de possibilidades

*O jardim representa o intercâmbio de todos os sentidos em táctil harmonia*  
Marshall McLuhan

*Através do conto “O catador de pensamentos”, conhecemos o delicado e metódico ofício do Sr. Rabuja.*

Todas as manhãs, exatamente às seis e meia, o Sr. Rabuja passa pela casa onde moro. Ele anda arrastando os pés e de longe ouço o barulho de seus passos pela calçada. Na verdade, nessa hora meu bairro é muito sossegado. Antes das oito quase não há movimento.

*Para a maioria das pessoas, aquele acontecimento diário passa despercebido, somente uma senhora percebe, de sua janela, algo especial na figura daquele homem já velho, que se movimenta com passos lentos, mas firmes.*

O sono ainda cobre os telhados como um cobertor quente. Corro para abrir a janela, debruço sobre o peitoril e dou uma olhada na calçada lá embaixo.

*\* Em itálico, reflexões escritas pela equipe do programa Círculos de Leitura.*



*O amanhecer e o anoitecer marcam o movimento contínuo de renovação da vida. Acordar junto com o sol e contemplar o silêncio do mundo quando ainda está envolto “na aurora de dedos rosados” é uma dádiva. Cada manhã representa uma oportunidade de recomeço, em que cada dia é um novo dia. E, a contemplação dessa harmonia, presente na natureza, é fonte de energia para a realização das tarefas do dia.*

Quando passa debaixo da minha janela, levanta a cabeça, pigarreia e me diz com voz suave:

— Bom dia!

— Bom dia, Sr. Rabuja!— respondo em voz baixa.

*A princípio mantendo certa distância respeitosa, o Sr. Rabuja e a senhora da janela vão desenvolvendo uma relação de cumplicidade.*

Em seguida ele se despede inclinando a cabeça sorridente e vai embora com seu passo arrastado.

*Ao observar o homem prosseguir em seu caminho, algo chama a atenção da senhora:*

(...) movimenta-se como alguém que não sabe o que é pressa.

É um homem velho, e as pessoas velhas muitas vezes parecem ter os bolsos cheios de tempo. Cuidadosamente guardam cada minuto, cada hora e cada dia de sua existência; como outros colecionam quadros, porcelanas e móveis.

*Um catador de pensamentos sabe que para a semente germinar é preciso tempo, e que o tempo carrega em si muitos tempos, tempos imemoriais. E também que os frutos que as sementes abrigam revelam-se às vezes um pouco antes, às vezes um pouco depois, mas de forma sempre surpreendente.*

*Em sua tarefa de catar pensamentos, o senhor Rabuja não hierarquiza e nem discrimina nenhum, acolhe a todos, sabe que a diversidade é a fonte da criatividade.*

O Sr. Rabuja é catador de pensamentos. Pensamentos bonitos e feios, alegres e tristes. Pensamentos inteligentes e bobos, barulhentos e silenciosos, compridos e curtos. No fundo, todos são importantes para ele, mesmo tendo, é claro, os seus preferidos. Mas isso ele não demonstra, para não ferir os outros pensamentos, pois todo mundo sabe que pensamentos são coisas muito sensíveis.

*Em suas andanças, sempre atento, ele encontra-os em cada canto da cidade:*

(...) é que ele consegue ouvir pensamentos (...)

Assim que ouve algum, ele abre a mochila e assobia suavemente e logo sua mochila amarrotada, vai ficando repleta de pensamentos.

Alguns vêm voando suavemente, outros se aproximam tão depressa que quase derrubam o Sr. Rabuja. Uns acham logo a entrada da mochila, outros demoram um tempo. Alguns são tão inquietos e desajeitados que escorregam e caem na

calçada. Cada pensamento tem seu comportamento próprio. Pensamentos são imprevisíveis.

*A forma como entram na mochila revela a singularidade de cada um. Utilizando toda sua sabedoria, o Sr. Rabuja atrai os pensamentos e lhes proporciona uma nova vivência. Se até aquele momento, viviam separados, no imenso universo, o pequeno espaço da mochila os aproxima e emaranha, fazendo a sua individualidade se perder momentaneamente.*

O Sr. Rabuja, que nesses longos anos já viu muita coisa, às vezes pára, fica pensativo e balança a cabeça. Acho que se pergunta, admirado, pela centésima vez, como os pensamentos podem ser tão diferentes uns dos outros.

*Entrar na mochila, para alguns, é difícil, mas um estágio necessário. Depois de passarem um tempo emaranhados, emergem com uma personalidade enriquecida pelo convívio compartilhado, em seguida, o que é próprio de cada um revela-se com mais intensidade.*

Depois de recolher todos os pensamentos que encontrou pela cidade, ele amarra cuidadosamente a mochila e volta para casa, com o corpo ainda mais encurvado, por causa do peso dos pensamentos. Dizem que pensamentos são mais leves que plumas ou flocos de neve, mas nem todos. Alguns pesam mais que um quilo.

*Ao retornar do seu trabalho, o Sr. Rabuja sabe que encontrará novamente a senhora na janela à sua espera.*

Ao passar por minha janela, ele me pisca um olho. Respondo com um aceno e volto ao trabalho.

O Sr. Rabuja mora na saída da cidade, numa casinha rodeada de hortas e jardins.

*Ao chegar em casa, alimenta-se e descansa um pouco, para logo voltar à sua tarefa. Estende um pano macio no chão, onde despeja os pensamentos.*

(...) se agacha, desembaraça e separa os pensamentos emaranhados e os guarda em ordem alfabética, em grandes prateleiras.

*O catador, ao colocar os pensamentos na prateleira em ordem alfabética, não utiliza nenhuma hierarquia na organização, já que pensamentos são pensamentos e todos são necessários.*

Na prateleira da letra A, por exemplo, encontramos os pensamentos acanhados, aflitivos, agressivos, amalucados, amáveis, arrojados... Na prateleira da letra B encontramos os pensamentos belos, blasfemos, bobos, bonachões, bondosos, brilhantes, burlescos... Na prateleira da letra C temos os pensamentos caóticos, corajosos, criteriosos, curiosos...

*O Sr. Rabuja desempenha a sua tarefa com enorme dedicação e paciência.*

A arrumação exige toda atenção do Sr. Rabuja, pois os pensamentos são quase transparentes e muito fáceis de serem confundidos. Às vezes acontece de um ou outro pensamento se esconder em algum canto, só para chatear o Sr. Rabuja.

*Depois de organizar cuidadosamente os pensamentos na prateleira, Sr. Rabuja deixa que o tempo faça sua parte.*

Depois de terminar a classificação, ele deixa os pensamentos descansando um pouco nas prateleiras, para ficarem bem suculentos, como frutas maduras. Isso leva mais ou menos duas horas.

*Passado esse tempo, o Sr. Rabuja coloca com todo cuidado os pensamentos em um cesto de vime.*

Em volta da casa há muitos canteiros, grandes, limpos e prontos para serem utilizados. O Sr. Rabuja vai tirando os pensamentos do cesto, um a um, e os planta nos canteiros. No inverno ele os planta numa estufa que há no fundo do jardim. Só depois de limpar o último grãozinho de terra das mãos, o Sr. Rabuja considera terminada a sua tarefa do dia.

*Agora, cabia à terra e à noite completar a tarefa que ele*

*havia iniciado, poderia dormir tranquilo, com a certeza de que no dia seguinte encontraria algo maravilhoso.*

Lá fora, nos canteiros úmidos de orvalho, brilham no amanhecer avermelhado as flores mais magníficas e raras que se pode imaginar. São azul-pálidas, vermelhas, cor de tijolo, douradas, amarelas, cor de casca de ovo; algumas listradas, outras pintadinhas; algumas têm pétalas delicadas e finas; outras, botões fortes e carnudos; alguns caules são lisos e frágeis; outros, ásperos e fortes, como troncos de árvores jovens. Todas juntas, elas enchem o ar de um perfume suave e maravilhoso.

*A quietude da manhã é preenchida pela beleza e perfume das flores, que são fruto de do trabalho realizado de forma integrada pelo homem e pela natureza.*

*O Sr. Rabuja se apressa, o processo ainda não havia terminado, algo maravilhoso estava para acontecer e ele sentia-se fazendo parte desse milagre da natureza.*

Pouco a pouco, com grande delicadeza, as flores se dissolvem. Elas se desfazem em inúmeras partículas que parecem floquinhos de poeira dançando ao sol. Ao primeiro ventinho, se dispersam, colorindo todo o céu. Nesse momento surge uma melodia de tal suavidade que o Sr. Rabuja mal consegue ouvi-la. Ele põe a mão atrás da orelha e se inclina para frente. Seu rosto atento vibra.

*Para que as flores dos pensamentos cheguem até as pes-*

*soas, ainda seria necessária a participação de um terceiro elemento.*

— O vento leva consigo as minúsculas partículas das flores dos pensamentos. Elas voam cada vez mais alto e pairam sobre os telhados da cidade ainda imersa no sono. Depois descem, enfiam-se em todas as janelas, em todas as frestas e fendas das casas. Pousam cuidadosamente na testa das pessoas que estão sonhando e ali se transformam em novos pensamentos.

*Assim que o último floco se dissolve, o Sr. Rabuja já se prepara para novamente iniciar a sua caminhada, pois os pensamentos precisam de cuidados constantes.*

Se não existissem catadores de pensamentos, estes ficariam o tempo todo se repetindo e provavelmente um dia deixariam de existir.

*O Sr. Rabuja confia para sua amiga que em todas as cidades existem catadores de pensamentos, mas que eles nunca chamam atenção, pois o ofício de catar pensamentos exige muita discrição.*

*Sabemos que existem pessoas que trabalham para o bem de todos, sem alarde, e que o fazem com imenso prazer. A mulher da janela assumiu esse papel de compartilhar conosco a sua descoberta sobre o importante e belo ofício do Sr. Rabuja.*

*Muitas vezes sua amiga pediu para ir com ele, mas ele disse que não seria possível acompanhá-lo, pois os pensamentos*

*são muito sensíveis. No entanto, em um belo dia ele vai até a casa dela e lhe conta sobre o seu trabalho.*

— Todas as cidades têm catadores de pensamentos como eu. Nas cidades grandes há até dois ou três. Só que quase ninguém sabe, porque eles trabalham o mais discretamente possível. A maioria tem nomes esquisitos. Puro disfarce. Quem iria imaginar, por exemplo, que um homem que se chama Rabuja pudesse ser catador de pensamentos?

*Imaginamos como foi importante para alguém como o Sr. Rabuja ser reconhecido pela mulher da janela.*

Dizendo isso sorri com ar misterioso. Eu fico muito orgulhosa de ter sido escolhida para ouvir suas confidências. E, quando tarde da noite ele sai de minha casa, com seu passo arrastado, às vezes tenho a impressão de sentir de leve o perfume das flores dos pensamentos. E assim caio no sono, tranquila, sem pensamento nenhum.

*Ao ler esse conto somos envolvidos em um ar de mistério, como se pudéssemos penetrar em um mundo mágico, onde existem catadores de pensamentos, que fazem o seu trabalho silencioso enquanto estamos dormindo.*



## Textos complementares

### Indo além das reflexões

Pensando em aprofundar e expandir os temas presentes no conto “O Catador de pensamentos”, apresentamos outros textos e poemas complementares.

### Definição do Dicionário Aurélio

Pen.sa.mento:

Substantivo masculino

1. Ato ou faculdade de pensar;
2. Ato de espírito ou operação da inteligência;
3. Fantasia, imaginação, sonho;
4. Cuidado, preocupação, solicitude;
5. Ideia, lembrança;
6. Modo de pensar
7. Alma, espírito
8. Conceito, moralidade, a intenção de um autor;
9. Pensamento de uma classe social — conjunto de idéias, valorações, atitudes e conceitos peculiares aos membros de uma camada social, conjunto de reflexões não sistemáticas do homem sobre sua experiência como ser social.

## **Vigie os seus pensamentos \***

Píndaro

Vigie os seus pensamentos, porque eles se tornarão palavras;  
vigie suas palavras, pois elas se transformarão em atos;  
vigie seus atos, porque eles se tornarão seus hábitos;  
vigie seus hábitos, pois eles formarão seu caráter;  
vigie seu caráter, porque ele será o seu destino.

*\* Poema sem título. Nesta edição usamos o primeiro verso como título.*

## **Nós nunca chegamos aos pensamentos \***

Martin Heidegger

Nós nunca chegamos aos pensamentos.  
Eles vêm a nós.  
É a hora conveniente para a conversação.  
Isto nos dispõe para a meditação em comum.  
Esta nem considera o opinar contraditório, nem tolera o  
concordar condescendente.  
O pensar permanece firme ao vento da coisa.  
De uma tal convivência  
talvez alguns surjam como companheiros no ofício do pensar.  
A fim de que inesperadamente um deles se torne mestre.

*\* Poema sem título. Nesta edição usamos o primeiro verso como título.*

## Carta da estudante \*

Hannah Souza de Almeida

Pensamentos... tão misteriosos e profundos, tão inteligentes e bobos, tão fofos e radicais, tão especiais e banais, tão importantes, que se não houvesse catadores de pensamentos, o mundo estaria perdido. O Sr. Rabuja tem um dom, o dom de pegar pensamentos confusos e transformá-los em novos, ele tem o dom de pegar todos os pensamentos embolados, desemaranhá-los e organizá-los. Ah, como seria bom se essa tarefa fosse fácil, tanto quanto parece ser para o Sr. Rabuja. Na realidade, nós temos que ser nossos próprios catadores de pensamentos, localizá-los, analisá-los e, então, ver o quê e como fazer para que eles se tornem um perfume agradável de sentir. Às vezes não conseguimos cumprir nossa tarefa como catadores de pensamentos, e, no fim do dia, a cada dia, o perfume desses pensamentos juntos tornam-se desagradáveis. Sabe quando temos mais pensamentos de um tipo do que de outros? Por exemplo, quando estamos apaixonados cegamente a maioria dos pensamentos vêm coloridos, com as cores em amarelo (felicidade), laranja (pensamentos que aquecem

*\* Esta carta foi selecionada no concurso anual de escrita do programa Círculos de Leitura e está publicada no livro “Lembranças da Leitura 2021”. Hannah é alumní da escola de Ensino Fundamental E.E. Deputado Manoel de Nóbrega - São Paulo, SP*

o coração) e até mesmo vermelho (o amor), às vezes, quando estamos tristes, eles vêm em azul (tristeza), branco (desânimo) e preto (falta de esperança). É louco e pesado o trabalho do Sr. Rabuja. Quando abandonamos o catador de pensamentos dentro de nós, esses pensamentos não florescem, não criam perfume, não se desfazem ao amanhecer para nascerem de novo. O perfume fica igual, se torna familiar, mas é um familiar monótono e quando vamos reparar a rotina nos prende, lutamos para conseguir reviver o Sr. Rabuja dentro de nós, e é quando o arrependimento de ter descuidado dele vem. Não abandone o Sr. Rabuja que existe dentro de você. Às vezes você pode ter pensamentos que se destacam de outros e, assim como o Sr. Rabuja tem os pensamentos preferidos dele, você também pode ter os seus. Ouça pensamentos diferentes, de pessoas diferentes, para ter pontos de vista diferentes. Localize seus pensamentos para não perdê-los, um deles pode ser um pensamento revolucionário. Invista em seus pensamentos até onde aguentar, mas não se esforce demais, eles vão vir quando você permitir e estimular. Não se preocupe com as “paranoias”, seu ponto de vista pode ajudar a localizar seus pensamentos verdadeiros do coração, entre aqueles enraizados. Mas uma coisa que você nunca deve fazer é ignorá-los. Estimule seus pensamentos e acredite, seus pensamentos podem fazer sua cabeça voar, mesmo que a consciência da realidade mostre que seu corpo ainda está no chão.

## O pintor, a cidade e o mar

Monika Feth

O Pintor viveu por muito tempo numa grande cidade. Ele havia pintado as ruas, os becos, as ruelas, as casas e os pátios. Havia pintado as pequenas lojas, com seus toldos desbotados pelo sol, com suas frutas e verduras expostas nas prateleiras.

Havia pintado os cafés, com suas mesas ornadas de guarda-sóis e toalhas esvoaçantes, os automóveis, os ônibus, os bondes, a estação e os trens. Havia pintado a fumaça saindo das chaminés, as castanheiras e os redondos canteiros de flores do Parque da Cidade, o Monumento aos Soldados, sujo de titica de passarinhos e o Jardim Zoológico. O Pintor havia pintado os muros, cheios de cartazes de propaganda, os cinemas, o Teatro Municipal e a Cadeia Pública. Havia pintado os músicos de rua nos calçadões, as crianças nos parques e os mendigos nos bancos das praças. Havia pintado os cachorrinhos de madame e os vira-latas, os gatos preguiçosos atrás das vidraças e os gatos sarnentos nas lixeiras, os pombos barulhentos nas praças e nos telhados. Havia pintado os bosques e os campos nos arredores da cidade. Havia pintado o lago, o riacho e o depósito de lixo. Havia pintado tudo e já estava ficando velho. Sua grande barba, cheia e escura, tornara-se rala e cinzenta como as nuvens. Então, ele se pôs a pensar: o que é que eu vou pintar agora?

O Pintor ouvira falar do mar. Mas ele era um homem pobre.

O que ganhava mal dava para comprar suas telas, tintas, roupas, comida e para pagar o aluguel da minúscula casa onde morava. Como poderia viajar para ver se o mar era realmente tão imenso e belo como diziam? Ele era um homem orgulhoso. Nunca aceitaria dinheiro de ninguém, nem mesmo que fosse de um amigo. Assim, durante algum tempo, ele se contentou em fazer a viagem apenas na imaginação. Olhava os livros que retratavam o mar, folheava os catálogos das agências de turismo e escutava as histórias das pessoas que conheciam o mar. Vivia longe e distante, nos seus sonhos.

Mas chegou o momento em que isso já não o satisfazia. Uma forte vontade foi tomando conta dele e não o deixou mais. Dominado pelo seu sonho, o Pintor tinha febre e mal conseguia dormir. O único remédio era o mar. E ele passou a fazer economias. Só comia pão e batata, e bebia apenas água. Ele mesmo cortava seu cabelo e aparava sua barba. Não andava mais de bonde ou de ônibus. Vendeu sua bicicleta e o aparelho de chá que herdara da mãe. Vendeu o armário e o sofá, seus livros, uma cômoda talhada à mão e seu relógio de pulso. Uma noite, sentado, em sua casa quase vazia, ele contou o dinheiro. Era o suficiente. Comprou a passagem, e no dia seguinte eu o acompanhei à estação ferroviária. Enquanto o trem se afastava, ele acenava para mim com um lenço branco. E fiquei olhando até o lenço se transformar num pontinho do tamanho de uma mosca.

Não são muitas as pessoas que têm a sorte de realizar seus sonhos. O Pintor sabia disso. Quando desceu do trem para tomar o navio que o levaria à ilha, estava tão emocionado

que os dedos que seguravam a alça da mala chegavam a doer.

Ele estava em frente ao mar e não tinha palavras, pois nesse momento todos os seus pensamentos se calaram. A água chegava até o horizonte, onde se encontrava com o céu; vinha em ondas, lambia a areia e ia embora. As ondas, com suas espumas brancas pareciam cantar uma melodia que penetrava fundo no seu coração.

Na ilha, o Pintor alugou um quartinho barato: pequeno, não muito limpo e com as paredes um tanto tortas. Ali, havia uma cama, uma mesa, uma cadeira e um armário. Mais nada. A cada passo, o assoalho rangia e gemia. O espelho sobre a pia era opaco e riscado como uma teia de aranha. Mas, da janela, o Pintor via o mar. E tudo o que existia para ele era o mar e aquela nova melodia na sua cabeça.

Todos os dias o Pintor saía para passear levando em uma sacola seus lápis e um bloco de desenho. Desenhava tudo o que aparecia diante dos seus olhos, não importando se chovesse ou fizesse sol. Às vezes, seus dedos não eram suficientemente rápidos para o que ali o esperava e que agora o invadia, imagem após imagem.

Desenhava o mar sempre diferente, às vezes cinza, às vezes azul, às vezes verde ou salpicado de prata, num momento feroz, revoltado, rugindo e bramando, e de repente tranqüilo e liso como a toalha da mesa de sua casa. Desenhava a maré alta e a maré baixa, os quebra-mares, as casinhas tortas, com os telhados em forma de chapéu cobertos de musgo, flores por cima dos muros, as conchas, os sargaços balançando na maré cheia: as dunas, os juncos e os sabugueiros pálidos nas praias.



Desenhava os barcos de pesca no porto e as balsas lá fora e no cais. Desenhava os tratores nos campos, o bulício das gralhas famintas nas roças recém-revolvidas, os pescadores remendando suas redes, os velhos conversando encostados nas cercas e os rastros enigmáticos encontrados nos estuários. Desenhava as vacas nos pastos e as ovelhas nos diques, os canais de drenagem que cortavam a terra e que refletiam um céu rasgado, os celeiros, os estábulos e os enormes feixes de feno nas campinas. Desenhava os camponeses no seu trabalho, os montes de esterco na frente das casas das fazendas e as galinhas esgravatando assiduamente a terra. Bem cedinho, antes mesmo do amanhecer, ele se levantava e desenhava até a luz deixar o dia.

Logo se tornou conhecido e passou a conhecer todos os habitantes da ilha. Era uma vida boa. Durante o dia, nos jardins de odores soníferos, e à noite, nas casas aconchegantes, o Pintor reunia-se a eles para tomar um copo de vinho ou uma xícara de chá. Então, tirava seu lápis da sacola e desenhava aqueles rostos curtidos pelo tempo, com suas risadas, seus silêncios e tudo o mais que encontrava neles.

Quando as pessoas queriam ver seus desenhos, ele os mostrava. Elas olhavam demoradamente e ficavam pensativas, consentindo com a cabeça; Aqui ninguém era amigo de muitas palavras.

Mas, apesar da vida modesta que o Pintor levava, o dinheiro economizado começava a minguar. A dona do quarto comprou um de seus desenhos e o carteiro também, assim como a garçonne do barzinho que ele costumava freqüentar. Isso

lhe proporcionou mais algumas semanas na ilha. Mas chegou o dia em que teve de voltar à cidade. O dinheiro havia acabado.

Na bagagem, o Pintor trazia uma pilha de desenhos, um punhado de pedras, um saquinho de conchas e um outro de areia; na cabeça, trazia muitos quadros que ainda não havia pintado. Depois de ter tirado as coisas da mala, o Pintor sentou-se diante do cavalete e começou a pintar suas memórias.

O quadro mais bonito mostrava o mar e uma pequena casa, construída sobre um recife, com seu chapeuzinho de sapé e um jardim florido de roseiras. O Pintor pendurou esse quadro sobre sua cama. Considerava-o o melhor de todos os que já havia pintado. Quando alguém queria comprá-lo, ele dizia que não, apenas com um balançar silencioso de cabeça.

Seria difícil dizer o que havia de tão especial naquele quadro. Era simplesmente algo que se podia sentir quando se olhava para ele. Sua luz maravilhosa parecia mudar suave e constantemente, como o próprio mar. Em nenhum dia o quadro era igual ao dia anterior.

E o tempo foi passando. O Pintor começou a sentir aquele mesmo desejo que o levava ao mar. Mas, como só muito raramente conseguia vender algum quadro, já não tinha mais dinheiro ou qualquer coisa para vender. Além disso, já estava muito velho, velho demais para suportar o esforço de uma viagem.

— Foi um erro ter voltado para a cidade — disse-me um dia —, devia ter pensado melhor.

— E risonho, acrescentou: — Mas eu não quero reclamar.

Já vi o mar e o pinteí.

Uma tarde, como muitas vezes fazia, o Pintor estava sentado diante do seu quadro predileto (aliás, o único na parede do seu quarto) e o contemplava. Num primeiro momento nada notou. Depois, achou que seus olhos o estavam enganando. Mas, quando olhou melhor, percebeu que não se tratava de uma miragem. A porta da pequena casa abriu-se um pouquinho. Ele apertou os olhos e se inclinou para ver mais de perto. A porta abriu-se mais um pouco e ao espiar lá dentro, o Pintor viu uma sala aconchegante e no centro dela, um cavalete. Alguma coisa o fez levantar-se e dirigir-se para o quadro e para a porta que havia lá, agora totalmente aberta. O quadro o deixou entrar.

O Pintor nem sequer achou estranho que uma coisa assim fosse possível. E, entrando na sala da casa do quadro, como se isso fosse normal, sentou-se à frente do cavalete. Desde então, todas as tardes o Pintor saía da cidade e entrava no quadro. Caminhava pela praia pegando pedras e destroços trazidos pelo mar, ou sentava-se no banco do jardim e contemplava o tom róseo avermelhado das malvas, o amarelo pálido dos dentes-de-leão e o azul carregado dos acônitos. E aspirava aromas de lavanda, melissa e tomilho.

Sob seus passos, formavam-se pequenas nuvens de poeira, pois no quadro era sempre verão. Antes de dormir, o Pintor contemplava as formas que o luar desenhava no chão, enquanto escutava o murmúrio da chuva e o marulhar das ondas. Então, dormia profundamente e só de madrugada voltava para a cidade.

Uma manhã, o Pintor resolveu não voltar. Hoje, o quadro se

encontra no museu da nossa cidade. As pessoas param diante dele e o admiram. Elas vêm o mar, o jardim e a pequena casa de porta fechada.

Só para mim é que de vez em quando a porta se abre. Mas, infelizmente, só de vez em quando, e apenas nos dias em que não há outras pessoas no museu além de mim.

Mas isso já não me assusta. Meu amigo, o Pintor, me convida para tomar um chá e conversa comigo sobre este ou aquele assunto. Às vezes, quando o tempo está bonito e à luz do sol suave, caminhamos juntos a beira-mar e molhamos os pés na água, secando-os depois na areia morna.

Quando chega minha hora de voltar, meu amigo fica no portão, acenando para mim. Suas roupas estão gastas, sua barba agora está branca e muito comprida. Mas no seu rosto há um sorriso feliz.

## **Reflexões: “O pintor, a cidade e o mar”**

### **Caminhos de possibilidades**

O conto narra a história de uma existência simples, vivida em sua plenitude por um homem, que se deixou guiar pelo coração e pelo que sentia ser importante em cada momento de sua vida.

O Pintor nos é apresentado como alguém que viveu integrado ao seu mundo, dedicando-se a retratar tudo que havia à sua volta. Após ter vivido muitos anos ocupado no trabalho de pintar tudo que via na cidade, chega a um momento de perplexidade, impelido em seu íntimo a viver algo novo, que não sabia ao certo o que seria. Em meio a essa inquietação, veio-lhe a lembrança de ter ouvido falar do mar, e começou a pensar como poderia viajar para ver se o mar era realmente tão imenso e belo como diziam.

Como estivera muito ocupado em pintar tudo à sua volta, se dá conta, naquele momento, de que não possuía recursos materiais. E então aquele desejo transforma-se em um sonho que passa a acalantar em seu íntimo. Viajou primeiro na imaginação, aproximando-se e conhecendo o mar antes mesmo de chegar até ele.

Um dia, o mesmo desejo intenso que o fazia arder de febre, lhe trouxe a solução, fez então economias e vendeu tudo que possuía para conseguir os recursos necessários. Realizou seu sonho, viu o mar e esteve por longo tempo perto dele.

Mas chega o dia em que o Pintor tem que retornar à cidade. E movido pela saudade, pinta “aquele que considerava o melhor quadro de todos os que já havia pintado”, colocando naquela obra as lembranças daqueles dias em que estivera próximo ao mar: as ondas, o céu, o vento. Um belo dia, o mar que ele tanto amou, acabou sendo a sua morada, naquele homem arte e vida estavam intimamente interligadas.

Esse quadro, o Pintor não quis vender a ninguém, está agora no museu da cidade para que todos possam contemplá-lo. O conto inicia-se com três elementos: O Pintor, alguém que se realiza no seu fazer; a cidade, onde esse homem vive integrado a seu mundo; e o mar, inspiração para a sua grande criação artística. Ao longo da história acompanhamos o surgimento de um quarto elemento: o museu, símbolo da permanência do trabalho de tantos homens que nos deixaram através de suas obras um legado. Conhecendo a história do Pintor refletimos sobre o quão maravilhoso é podermos visitar um museu e vivenciar momentos de intensa emoção. Para isso acontecer, as obras de arte pedem apenas “aquela qualidade de atenção”, em que esquecemos nosso eu individual, para sermos UM com o outro — acessando aquele instante de graça em que o artista fez a conexão que possibilitou a criação de sua obra.

Pensando em expandir os temas do conto, apresentamos a carta de Alanne em resposta ao diário de bordo da escola EEEP Luiza de Teodoro Vieira.

## **Carta à estudante \***

Alanne Pereira

São Paulo, 12 de setembro de 2016

Querida Sara e grupo,

Há pouco li as reflexões de vocês sobre o conto “O pintor, a cidade e o mar”, de Monika Feth. Fico feliz que o grupo, em geral, tenha claramente a ideia do valor que possui um sonho. A partir disso, deixo aqui algumas de minhas reflexões a respeito do tema, relacionando com as de vocês e propondo alguns novos questionamentos.

Quase sempre, somos motivados por sonhos, isto é, parte de nossas ações são feitas em prol de algum desejo. Isso é fantástico! Afinal, de que valeria a vida se não tivéssemos um ideal próprio a ser seguido? Contudo, é preciso sensatez para ir em busca de um sonho. Não há momento certo para sonhar, mas há momentos mais adequados para que nossos desejos sejam colocados em prática.

Um dos pontos que mais me chamou a atenção nas reflexões do grupo foi a ideia de “saber deixar”. Quando necessário abrir mão de algo para alcançar um sonho, por maior que seja e por melhor que nos faça a realização dele, devemos perceber

*\* Carta em resposta ao diário de bordo da escola EEEP Luiza de Teodoro Vieira, sobre o conto “O pintor, a cidade e o mar”*

o momento propício de deixar o que for preciso para que isso aconteça.

Além disso, é de extrema importância entender que experiências podem dar certo, ou não. E quando uma tentativa nos traz alguma frustração, não devemos nos “trancar” para as oportunidades. Alguns sonhos não se fazem possíveis em determinados momentos, mas se forem verdadeiros, não devem ser destruídos, apenas adormecidos, até que possam ser conquistados.

Quando não pudermos ir até nossos sonhos, podemos, ao menos, tentar trazê-los até nós, como fazia o pintor todas as tardes em que “entrava” no quadro e caminhava pela praia, admirando o mar. Essa conexão se dá através de um imenso desejo. E só pode ser sentida e compreendida por aqueles que acreditam verdadeiramente em seus sonhos.

Despeço-me, deixando-lhes um questionamento reflexivo, de um grande rapper, conhecido por Emicida: “Outra vez, a esperança na mochila eu ponho. Quanto tempo a gente ainda tem pra realizar o nosso sonho?”.

Aguardo respostas. Se cuidem e boas leituras!

Abraços,

Alanne



## Dante, o criador

William Anderson

O autor nomeou Dante “o homem central do mundo” porque ele representa o equilíbrio perfeito entre as faculdades imaginativa, moral e intelectual, todas alçadas ao cume. Além disso, porque em Dante a função primeira da imaginação, que é a apreensão da verdade máxima, atingiu o mais distinto e nobre desenvolvimento apresentado pela mente humana.

Obras de arte são depósitos de energia psíquica e transmitem essa energia de acordo com a qualidade da atenção que lhes prestamos. Os efeitos dessa energia podem ser descritos como: felicidade, consciência, tranquilidade ou uma disposição que permite a entrega de nossas preocupações individuais a uma experiência universal.

Essa energia é extremamente volátil e frequentemente dissipada no momento de recebê-la. Vivenciamos, entretanto, algumas obras de arte com tal profundidade que sua recordação retorna, mais e mais vezes, para nos persuadir de que a energia não foi perdida, mas sim a nós transferida e guardada nas profundidades de nossa natureza.

No contato com uma obra de arte, existe um momento,

*\* As citações foram extraídas da obra “Dante the Maker”, de William Anderson – S4N Books, 1980.*

em que sentimos que subitamente nos conectamos com sua mensagem emocional ou simbólica. Se essa conexão não ocorre, o que permanece é superficial. Um estágio posterior vai depender do grau de entrega do apreciador da obra para as impressões recebidas e, ao mesmo tempo, da sua atenção para o efeito dessas impressões sobre si mesmo. Essa vivência equivale às funções discriminatórias de interpretação e seleção que o artista leva para sua inspiração.

Há ainda um outro estágio no qual parecem se dissolver as barreiras que separam a vida interna daquele que se encanta com a obra e a essência desta. Aquele que se encanta tem, então, a consciência de estar unido ao estado de espírito e percepção que propiciaram a criação da obra de arte.

Este é o estado descrito por T.S. Eliot:

“Music heard so deeply  
That it is not heard at all, but you are the music  
While the music lasts.” \*

Aquele que se encanta com a obra só é capaz de vivenciar essa consciência unificadora se o artista tiver atingido uma união similar entre o seu objeto e a sua execução, assim como Dante descreve em sua *canzone* sobre nobreza: “para aquele que pinta uma face, se não pode ser a sua, não a pode pintar” Algumas vezes no começo de um poema, ou de um livro,

\* Tradução livre: “música ouvida tão profundamente/que não é mais ouvir música, mas você é a música/enquanto a música durar.”

o leitor sabe que fará uma conexão, que um destino simbiótico o aguarda em um contato entre a sua própria natureza e a mente do escritor.

Essa experiência de total imersão e fruição da arte também é apresentada por Akira Kurosawa, no filme “Sonhos”, sobre o qual o crítico de cinema Iochihiko Kaneoya escreve:

“A busca da arte como objetivo de vida, ou a realidade é derivada da arte, ou ainda realidade e arte são uma coisa só. Talvez caiba ainda uma outra interpretação do episódio: para se sentir realmente a arte, preciso mergulhar nela. Ou ainda, só pelo amor à arte posso vivenciar os prazeres que ela me oferece — algo indefinível, mas lúdico — e somos novamente levados a um passeio pelas mãos do mestre, na fronteira entre a realidade e a fantasia. É como um haikai: cabem múltiplas interpretações. Kurosawa, como no haikai, apenas sugere, pela irreal via reversa, transformando arte em realidade ao se transfigurar os quadros de Van Gogh para o cenário presente. Como diz Yone Noguchi, o que faz a beleza do haikai é a interpretação do leitor. Aqui também, o fato único, mas revestido de uma multiplicidade de significados possíveis, faz a riqueza do episódio. Kurosawa, também pintor, expressa seu maior desejo na personagem que fica satisfeito ao encontrar Van Gogh (interpretado por Martin Scorsese), de quem recebe lições de pintura. Lírico, as obras do mestre são carregadas de sentimentos”.

## Arte chinesa e arte grega

Jelaluddin Rumi

O profeta disse:

“Há alguns que me vêem  
através da mesma luz que eu os vejo.  
Nossas naturezas são uma.

Sem referências a qualquer linhagem,  
sem referências a textos ou tradições,  
juntos bebemos da mesma água da vida”.

Eis aqui uma história sobre esse mistério:

Os chineses e os gregos discutiam sobre quais seriam os melhores artistas.

O rei disse: “Um debate resolverá essa questão”.

Os chineses começaram a falar,  
os gregos nada disseram.  
Eles saíram.

Os chineses sugeriram que a cada grupo fosse dada uma sala para que criassem suas obras, cada um com seu talento, duas salas, uma em frente a outra, divididas por uma cortina.

Os chineses pediram ao rei uma centena de cores, em todos os matizes,

a cada manhã vinham buscar as tintas  
e levavam todas.

Os gregos nada levavam.

Diziam: “As cores não fazem parte do nosso trabalho”.

Foram para a sala limpar e polir as paredes.

O dia inteiro, todos os dias, deixavam as paredes limpas e claras  
como um céu aberto.

Existe um caminho que leva de todas as cores para cor nenhuma.

Saiba que a magnífica variedade das nuvens e do tempo  
vem da total simplicidade do sol e da lua.

Os chineses terminaram e estavam tão felizes...

Tocaram tambores de alegria com a obra concluída.

O rei entrou na sala dos chineses,

encantado com as maravilhosas cores e detalhes.

Depois de um tempo, os gregos abriram a cortina que dividia  
as salas.

Na límpida parede dos gregos, imagens belíssimas,

cintilantes desenhos estavam ali refletidos. A obra dos  
chineses vivia ali,

ainda mais bela,

sempre em mutação com as variações da luz,

sempre mais bela.

## Os artistas chineses e gregos \*

Regina Machado

Num reino muito distante daqui, vivia um rei que apreciava objetos de grande beleza; por isso, monarcas de outras partes do mundo sempre lhe enviavam presentes luxuosos.

Cada vez que chegava uma comitiva vinda de lugares distantes como a Pérsia, a Índia ou um país do Cáucaso, o rei a recebia no palácio com muita pompa. Diante de toda a corte, abria as arcas ricamente ornamentadas e admirava em silêncio as estátuas de ouro, os vasos entalhados em marfim, os retratos cujas molduras eram cravejadas de pedras preciosas que lhe mandavam os sultões como sinal de amizade.

Um dia, esse rei foi informado por um de seus conselheiros de que duas delegações de artistas famosos, uma proveniente da China e outra da Grécia, tinham acabado de se hospedar perto do palácio. Imediatamente ele ordenou a um emissário que fosse buscá-los. Quando eles apareceram na sala de audiências, o rei lhes disse:

— Eu gostaria de saber quem são os melhores artistas, os chineses ou os gregos. Por isso, vou lhes dar um prazo de três meses para pintarem a parede da frente de duas casas vazias que ficam na rua principal da cidade, uma defronte da outra. No fim desse prazo, quem tiver realizado a obra de arte mais

*\* Conto do livro “A Formiga Aurélia e outros jeitos de ver o mundo” publicado pela Companhia das Letras.*

bela, será o vencedor e receberá uma grande recompensa.

Os chineses se instalaram numa casa, e os gregos na outra. Dois enormes tapumes de madeira foram erguidos diante das paredes que seriam pintadas, para que ninguém pudesse vê-los trabalhar.

Os habitantes da cidade ficaram muito curiosos e viviam comentando o assunto nas esquinas, praças e mercados.

— O que será que eles estão fazendo? — perguntavam uns aos outros.

— Os chineses e os gregos estão bem escondidos, e guardam o maior segredo sobre o seu trabalho.

Um menino chamado Shakur sempre ia brincar naquela rua, e muitas vezes tentou encontrar algum buracozinho nos tapumes por onde pudesse espiar, mas nunca conseguiu. Até que um dia viu os serviçais do palácio levando material para os artistas chineses. Em carrinhos, transportavam finos pincéis de todos os tipos e tamanhos, tintas variadas em potes de vidro, pós-coloridos, dourados e prateados, compassos, réguas e esquadros, e mais um número enorme de objetos cujos nomes o menino nem conhecia.

“Eles devem ser artistas muito bons mesmo, para saber usar todas essas coisas”, pensava o menino Shakur, sem tirar os olhos daquilo que estava sendo entregue aos chineses.

Logo em seguida, viu outros serviçais aparecerem na rua com carrinhos cheios de panos velhos, lixas, baldes, sabão em grande quantidade, flanelas e potes de cera. Todo esse material foi recebido pelos artistas gregos e levado rapidamente para trás do seu tapume.

Shakur ficou muito intrigado: “O que será que vão fazer com tudo isso? Por que não pediram pincéis e tinta como os chineses?”.

Desse dia em diante, o menino Shakur passou a chegar bem cedo naquele lugar. Sentava-se numa pedra e ficava cismando. Observava o vaivém dos entregadores de material, tentava distinguir os ruídos que vinham de trás dos tapumes. Durante todo o tempo que os artistas permaneceram ali, os materiais pedidos foram sempre os mesmos.

Os habitantes da cidade resolveram fazer apostas sobre qual grupo seria o vencedor.

— Vocês não sabem que as porcelanas chinesas são as mais lindas do mundo? — dizia um.

— E, além do mais, — falava outro — os chineses são famosos pelas ricas pinturas de biombos, móveis e tecidos de seda. Com certeza vão ganhar.

Como a informação sobre o tipo de material que os grupos estavam usando tinha se espalhado, apenas uma pessoa apostou que os gregos seriam os vencedores. Foi o que se apurou ao contar as apostas.

— Quem foi que teve a infeliz idéia de apostar neles? - perguntou um velho.

— Fui eu — respondeu o menino Shakur, em meio à multidão, sem levantar da pedra onde agora estava sempre sentado. “Vamos esperar o dia marcado e então vocês vão ver se eu não tinha razão”.

Finalmente, passados os três meses, o rei anunciou que iria ver o resultado do trabalho dos artistas, acompanhado de seus



conselheiros. Escolheu o horário do meio-dia, quando o sol, bastante forte, iluminaria bem as duas obras de arte.

Ao chegar o momento, os dois grupos de artistas mantiveram-se diante de seus tapumes, aguardando muito quietos a vinda do soberano.

O menino Shakur também estava ali, como sempre, mas num lugar especial, que ele escolhera para poder ver bem de perto as duas paredes.

O rei ordenou que fosse derrubado primeiro o tapume dos chineses. Quando a ordem se cumpriu, a multidão, maravilhada, ficou em silêncio. Jamais se vira obra de arte tão perfeita. A parede estava inteiramente recoberta de figuras esplêndidas. Havia casas, árvores, templos, jardins e pessoas vestidas com riqueza. Os trajes tinham sido pintados com tanta vivacidade que se podia distinguir o veludo, a seda e os tecidos adamascados da parede, feita com ornamentos delicados, viam-se brilhando a luz do sol, tons variados de todas as cores do arco-íris.

O rei atentava para cada detalhe, satisfeitíssimo, mal podendo se conter diante de tanta beleza.

— É claro que serão os vencedores — diziam algumas mulheres, apinhadas em torno da parede.

— Os gregos não podem ter feito nada melhor do que isso — concordavam os conselheiros do rei.

Pouco depois, quando todos já tinham tido tempo de admirar a obra dos chineses, o rei pediu que se retirasse o

tapume da parede dos gregos. E surgiu a parede branca e lisa em que nada fora pintado, mas que, à luz radiante do

sol, refletia o trabalho feito pelos chineses. A obra que se via era infinitamente mais bela, pois os raios do sol formavam ali outros matizes, que os chineses nem sequer tinham sonhado.

Os gregos haviam passado os três meses lavando e polindo a parede com grande cuidado e dedicação, tornando-a completamente clara e brilhante, para que dessa maneira espelhasse a magnífica pintura dos chineses.

Os vencedores foram os gregos, e o menino Shakur ganhou a aposta.

Shakur é lembrado até hoje pelos habitantes daquele reino como o menino que soube observar além das aparências e, por isso, soube apreciar com antecedência a capacidade do ser humano de imaginar a beleza escondida nas coisas do mundo.

## **Reflexões: “Arte chinesa e arte grega”**

### **Caminhos de possibilidades**

No conto Sufi “Arte chinesa e arte grega” somos levados a pensar na ideia da complementaridade humana que resulta dos encontros. Essa unidade que se constrói não é apenas a soma das partes, é algo que vai além da individualidade de cada um — algo inédito é produzido nesse encontro.

Os Chineses, aparentemente, têm a parte mais ativa da relação, são eles que começam a debater, são eles que sugerem a utilização de duas salas, uma em frente à outra. Os Gregos mantêm-se em silêncio, aceitando a sugestão. E então cada grupo de artistas desenvolve seu trabalho, cada um com seu talento.

Os Gregos surpreendem a todos, ao revelarem uma parede branca “como um céu aberto”, sem nenhuma cor, preparada para refletir a pintura dos Chineses. A história traz a ideia de que há algo de divino que se manifesta no fazer dos homens.

Os Gregos sabiam que a nossa natureza é “una”, todos bebemos da mesma fonte, e a criação de nossa identidade implica em uma entrega entusiasmada às contribuições da cultura do outro, desta forma nos complementamos e nos constituímos.

O mundo parece estar regido por duplas complementares: positivo e negativo, passivo e ativo, noite e dia, yin e yang. Sobre essa ideia, o poeta Paul Celán resumiu: “o máximo de

mim, está em você”.

Da mesma forma que o poeta Ferreira Gullar declara na poesia “Traduzir-se”:

Uma parte de mim  
é todo o mundo:  
outra parte é ninguém:  
fundo sem fundo.  
(...)  
Traduzir-se uma parte  
na outra parte  
— que é uma questão  
De vida ou morte —  
Será arte.

Para essa tarefa foi importante o fato de cada grupo ter recebido uma sala para que pudessem realizar o trabalho da melhor forma. As salas, porém, não precisavam ser muito afastadas, ficavam uma de frente à outra, separadas por uma cortina, representando uma privacidade temporária, passível de ser aberta para o encontro. A privacidade, em um primeiro momento, é essencial para a criação de cada obra. Ao mesmo tempo, não estavam em casas separadas, tampouco ficavam separados por uma parede. A cortina é como um biombo que representa uma separação apenas temporária.

Mas, ao final, predomina a beleza da complementaridade, resultante da capacidade de confiar e saber acolher o que vem do outro. Nessa história é o fazer humano que cria e renova o mundo.

“Sem referências a qualquer linhagem, sem referências a textos ou tradições, juntos bebemos da mesma água da vida”.

É bonita a ideia de um texto anunciando o nascimento de outro. Regina Machado escreveu seu conto “Artistas chineses e gregos” a partir da história sufista de Rumi e Catalina escreveu o poema “Amor” inspirada nestas duas histórias que falam sobre o tema:

Você sabe por que você me ama?  
Você me ama  
Porque para você me fiz branca  
Me fiz pura  
Me fiz ninho  
Para acolher o que em ti havia,  
E você não via e nem sabia  
Mas, eternamente procuravas  
Eu te amo  
Porque teu ser vem de longe  
Muito,  
Muito longe  
Tua alma tem memória, traz histórias  
Com você  
A vida acorda...

## Se alguém vai mudar o mundo são as crianças \*

Yuval Harari

*Autor de ‘Sapiens’ lança o juvenil ‘Implacáveis’ para contar a história da humanidade para os ‘futuros líderes’*

De professor universitário em Jerusalém a intelectual-celebridade: Yuval Noah Harari conquistou leitores no mundo todo ao explicar, de maneira clara, como chegamos até aqui. *Sapiens: Uma Breve História da Humanidade*, seu maior best-seller, *Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã* e *21 Lições para o Século 21* (leia a entrevista concedida em 2018) venderam juntos 40 milhões de exemplares em 65 idiomas.

O historiador israelense começou a se aproximar dos jovens com a adaptação de *Sapiens* para HQ. Agora, ele quer falar com as crianças. *Implacáveis: Como Nós Dominamos o Mundo*, o primeiro volume de uma tetralogia voltada para leitores a partir dos 9 anos, os “futuros líderes”, anunciado na Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, em março, acaba de ser lançado mundialmente. “Se alguém realmente vai mudar o mundo são as pessoas que agora têm 10 anos”, ele disse, nesta entrevista por e-mail ao Estadão.

*(\*) Entrevista de Maria Fernanda Rodrigues a Yuval Harari. Texto publicado na seção de Cultura e Literatura do Jornal Estadão, no dia 22 de setembro de 2022.*

**Por que contar essa história para crianças? Que alerta gostaria de deixar e quais perguntas gostaria que elas fizessem após a leitura?**

Eu gostaria de ajudar as crianças a descobrir e entender quem elas são. Em muitos países, as escolas ensinam sobre a identidade nacional delas. Isso é importante, mas não o suficiente. Os seres humanos são incrivelmente complexos, e nossa identidade nacional é apenas parte do que somos. Cada pessoa é feita de muitos pedaços que vêm do mundo todo. O dramaturgo romano Terêncio dizia: “Sou humano, e nada do que é humano me é estranho”. Isso é tão verdadeiro. Cada pessoa é herdeira de toda a criação humana. Mas quem somos nós é ainda mais profundo do que isso.

Todas as invenções e ideias dos humanos nos últimos milhares de anos são apenas a camada superior de quem somos. Sob essa casca, nas profundezas do nosso corpo e

mente, trazemos coisas que envolveram milhões de anos de evolução, de muito antes de os humanos existirem. O amor entre pais e filhos e o medo de monstros à noite, por exemplo, não foram inventados pelos humanos.

Um dos objetivos, então, é conectar as crianças com sua profunda identidade como humanos e como herdeiros de milhares de anos de evolução. O outro é incentivá-las a continuar fazendo perguntas. Esse é um livro sobre as grandes perguntas, e as grandes questões, como “qual é o sentido da vida?”, surgem espontaneamente para a maioria das crianças. E há todos aqueles adultos querendo dizer o que devemos

pensar sobre aquilo. E, no entanto, os adultos não sabem todas as respostas. Em um certo ponto da vida, muitas pessoas se cansam de perguntar as coisas importantes. Então elas se agarram a alguma história que lhe contaram, acham que essa é a verdade toda, e se aborrecem se os questionamos.

Meu livro também não tem todas as respostas, mas espero incentivar as crianças a continuarem fazendo perguntas ao longo de sua vida, e a não ficarem com medo de questionar o que os adultos contam. Eu gostaria de ter sabido, aos 10 anos, que não havia problema em ser cético sobre as respostas que os adultos estavam tentando me impor. Poderia ter me poupado muitos anos de apego a fantasias prejudiciais e visões erradas. Se eu tivesse de fazer um alerta a elas seria: Cuidado com pessoas que lhe dão respostas que você não pode questionar.

**O que precisamos saber, e fazer, para estarmos neste mundo de uma forma mais responsável e empática? E como um livro como este pode ajudar?**

Quando olhamos para o mundo, vemos apenas ódio e divisão. E essas divisões surgem por causa de histórias que são relativamente novas. Nenhuma nação ou religião que existe hoje tem mais de 5 mil anos. E na escala de tempo da evolução humana, isso significa que essas histórias são desenvolvimentos muito recentes. E muitas vezes essas histórias, com toda a arrogância, medo e ódio que elas contêm, são como sacos pesados que as pessoas carregam nas costas e depois os passam para a próxima geração. Às vezes, precisamos fazer uma



pausa, vasculhar esses sacos e pensar: “Precisamos mesmo continuar carregando todas essas coisas?”. Muito do legado que recebemos de nossos ancestrais é bom e útil. Mas alguns deles são prejudiciais ou desatualizados. Precisamos lembrar que podemos escolher o que manter e o que jogar fora. E é por isso que estudar história é importante. A história não é sobre lembrar o passado, mas, sim, sobre libertar-se dele para poder criar um futuro melhor. Por isso, como historiador, achei importante escrever esse livro para crianças. Porque se alguém realmente vai mudar o mundo não são as pessoas que agora têm 50 anos - são as que agora têm 10.

**Qual é, para o senhor, a questão mais urgente com relação ao futuro da humanidade? E como envolver as crianças na ação?**

Digo no livro que a cooperação é o superpoder da humanidade. Foi isso que permitiu nos espalharmos pela Terra, criar civilizações e até chegar à Lua. Cooperação é também a chave para a nossa sobrevivência no século 21. A humanidade enfrenta muitos e grandes problemas como o colapso ecológico, guerra nuclear, desigualdade global, pandemias e a ascensão da inteligência artificial. A humanidade também é muito poderosa, e temos o conhecimento científico e os recursos econômicos necessários para solucionar todos esses problemas. Mas desde que haja cooperação global.

Infelizmente, em anos recentes, vimos um aumento acentuado nas tensões globais em vez da cooperação. Se essa tendência se

manter, não seremos capazes de evitar a próxima pandemia, de breçar o aquecimento global, de diminuir as desigualdades no mundo ou de regulamentar a inteligência artificial. Isso também significa que o risco de uma guerra mundial está se tornando mais sério. Assim, a questão mais urgente com relação ao futuro da humanidade é se vamos conseguir relaxar as tensões internacionais e aumentar a cooperação global. Alguns líderes afirmam que essa cooperação contradiz a lealdade nacional. É um absurdo. Não há nenhuma contradição entre ser um bom patriota e cooperar com outros países. Porque patriotismo não tem a ver com odiar estrangeiros. Patriotismo é sobre cuidar dos nossos compatriotas. E há muitas situações, como quando tentamos evitar uma pandemia ou interromper o aquecimento global, que, para ajudar nossos compatriotas, devemos atuar junto com estrangeiros. Esse livro ensina às crianças que a cooperação é o superpoder humano, e que todos nós compartilhamos a mesma identidade humana. Espero que, quando os leitores crescerem e se tornarem líderes, eles se lembrem dessas lições.

## Como sentir-se parte desse mundo?

Débora Nascimento

Como sentir-se parte desse mundo? Essa é uma questão que há tempos me acompanha e tem se tornado um tema cada vez mais presente em minha vida.

Enquanto estava visitando algumas escolas do Ceará, me deparei com a entrevista “Se alguém irá mudar o mundo são as crianças que têm hoje 10 anos”, de Yuval Harari no jornal “O Estadão” e fiquei surpresa em como seus temas estão relacionados com as obras que lemos nos Círculos de Leitura. Rilke, por exemplo, em “Cartas ao jovem poeta” nos diz que é possível entrar em contato com as “influências anônimas”, que vivem dentro de nós. Harari é um historiador que dialoga com Rilke ao mostrar essa herança que temos em comum: “nas profundezas do nosso corpo e mente, trazemos milhões de anos de evolução...”

Encontrar Harari naquele momento foi uma imensa alegria, sua escrita me possibilitou ver como há uma verdade científica que se traduz nas palavras dos poetas. Para Octavio Paz: “Os poetas foram os primeiros que nos revelaram que a eternidade e o absoluto não estão além dos nossos sentidos, mas neles mesmos. Essa eternidade e essa reconciliação com o mundo se criam no tempo presente, no aqui agora da nossa vida.”

No Círculos de Leitura, lemos as poesias em grupo e em voz alta, as palavras soam como um mantra, criam um ritmo que abre espaço dentro de nós e é capaz de despertar esse saber ancestral. Com ajuda dos poetas, reconhecemos o universo que nos habita.

Com o trabalho em grupo por meio da literatura, compreendemos o mundo e a nós mesmos, nos sentimos seguros porque reconhecemos o outro em nós. Isso é o que possibilita desenvolver esse “super poder da cooperação humana” apresentado nas obras de Harari.

## Sobre a verdade \*

Regina Machado

Allah Hu Akbar! Allah Hu Akbar!

Deus criou a mulher e junto com ela criou a fantasia. Foi assim que uma vez a Verdade desejou conhecer um palácio por dentro e escolheu o mais suntuoso de todos, onde vivia o grande sultão Haroun Al-Raschid. Vestiu seu corpo apenas com um véu transparente e pouco depois chegou à porta do magnífico palácio. Assim que o guarda apareceu e viu aquela bela mulher sem nenhuma roupa, ficou desconcertado e perguntou quem ela era. E a Verdade respondeu com firmeza:

— Eu sou a Verdade e desejo encontrar-me com seu senhor, o sultão Haroun Al-Raschid.

O guarda entrou e foi falar com o grão-vizir. Inclinando-se diante dele, disse:

— Senhor, lá fora está uma mulher pedindo para falar com nosso sultão, mas ela só traz um véu completamente transparente cobrindo seu corpo.

— Quem é essa mulher? — perguntou o grão-vizir com viva curiosidade.

— Ela disse que se chama Verdade, senhor - respondeu o guarda. O grão-vizir arregalou os olhos e quase gaguejou:

*\* Conto do livro “O violino cigano e outros contos de mulheres fortes” publicado pela editora Companhia das Letras.*

— O quê? A Verdade em nosso palácio? De jeito nenhum, isso eu não posso permitir. Imagine o que ia ser de mim e de todos aqui se a Verdade aparecesse diante de nós? Estaríamos todos perdidos, sem exceção. Pode mandar essa mulher embora, imediatamente.

O guarda voltou e transmitiu à Verdade a resposta do seu superior. A Verdade teve que ir embora, muito triste.

Acontece que...

Deus criou a mulher e junto com ela criou a teimosia. A Verdade não se deu por vencida e foi procurar roupas para vestir. Cobriu-se dos pés à cabeça com peles grosseiras, deixando apenas o rosto de fora e foi direto, é claro, para o palácio do sultão Haroun Al-Raschid.

Quando o chefe da guarda abriu a porta e encontrou aquela mulher tão horrivelmente vestida, perguntou seu nome e o que ela queria.

Com voz severa ela respondeu:

— Sou a Acusação e exijo uma audiência com o grande senhor deste palácio.

Lá se foi o guarda falar com o grão-vizir e, ajoelhando-se diante dele, disse:

— Senhor, uma estranha mulher envolvida em vestes malcheirosas deseja falar com nosso sultão.

— Como é que ela se chama? — perguntou o grão-vizir.

— O nome dela é Acusação, Excelência.

O grão-vizir começou a tremer, morto de medo:

— Nem pensar. Já imaginou o que seria de mim, de todos aqui, se a Acusação entrasse nesse palácio? Estaríamos todos perdidos, sem exceção. Mande essa mulher embora imediatamente.

Outra vez a Verdade virou as costas e se foi tristemente pelo caminho. Ainda dessa vez ela não se deu por vencida.

E isso porque...

Deus criou a mulher e junto com ela criou o capricho.

A Verdade buscou pelo mundo as vestes mais lindas que pôde encontrar: veludos e brocados, bordados com fios de todas as cores do arco-íris. Enfeitou-se com magníficos colares de pedras preciosas, anéis, brincos e pulseiras do mais fino ouro e perfumou-se com essência de rosas. Cobriu o rosto com um véu bordado de fios de seda dourados e prateados e voltou, é claro, ao palácio do sultão Haroun Al-Raschid.

Quando o chefe da guarda viu aquela mulher deslumbrante como a Lua, perguntou quem ela era.

E ela respondeu, com voz doce e melodiosa:

— Eu sou a Fábula e gostaria muito de encontrar-me, se possível, com o sultão deste palácio.

O chefe da guarda foi correndo falar com o grão-vizir, até esqueceu de ajoelhar-se diante dele e foi logo dizendo:

— Senhor, está lá fora uma mulher tão linda, mas tão linda, que mais parece uma rainha. Ela deseja falar com nosso sultão.

Os olhos do grão-vizir brilharam:

— Como é que ela se chama?

— Se entendi bem, senhor, o nome dela é Fábula.

— O quê? — disse o grão-vizir, completamente encantado.

— A Fábula quer entrar em nosso palácio? Mas que grande notícia! Para que ela seja recebida como merece, ordeno que cem escravas a esperem com presentes magníficos, flores perfumadas, danças e músicas festivas.

As portas do grande palácio de Bagdá se abriram graciosamente, e por elas finalmente a bela andarilha foi convidada a passar.

Foi desse modo que a Verdade, vestida de Fábula, conseguiu conhecer um grande palácio e encontrar-se com Haroun Al-Raschid, o mais fabuloso sultão de todos os tempos.



## Quando as cadeiras dão as mãos

Mariana Fernandes \*

Existe um mundo atrás do véu, esse véu aí que você vê agora.

Puxa, rasga, corte, queime ele!

O mundo do sentir surge quando as cadeiras dão as mãos. Ele sempre te espera, um mundo feito apenas para os homens que, não apenas conhecem, mas tocam e são tocados por outros.

Crianças cheias do eterno que entendem que o “essencial é invisível aos olhos”, que reconhecem os “pequenos milagres do cotidiano”, sabem que todo caminho lhes pertence, que um encontro pode ficar nas redondezas do seu coração.

Esses, sim, conhecerão o verdadeiro reino do céu. Irão rir, chorar, gritar, brincar, brigar, morrer, renascer, amar com todo seu ser, e odiar na mesma intensidade, porque tudo te habita no céu.

Nas memórias, coletivas e individuais, do camelo e do leão, novas e velhas, as crianças encontram chão e sonho, a liberdade e a rosa, a criação e o fim.

E, assim, a maior fome do homem é saciada.

*\* Multiplicadora da E.E. Célia Ribeiro Landim. Este texto foi selecionado no concurso anual de escrita do programa Círculos de Leitura e está publicado no livro “Lembranças da Leitura 2022. A conversa infinita”.*

## De muito procurar \*

Marina Colasanti

Aquele homem caminhava sempre de cabeça baixa. Por tristeza, não. Por atenção. Era um homem à procura. À procura de tudo o que os outros deixassem cair inadvertidamente, uma moeda, uma conta de colar, um botão de madrepérola, uma chave, a fivela de um sapato, um brinco frouxo, um anel largo demais.

Recolhia, e ia pondo nos bolsos. Tão fundos e pesados, que pareciam ancorá-las à terra. Tão inchados, que davam contornos de gordo à sua magra silhueta.

Silencioso e discreto, sem nunca encarar quem quer que fosse, os olhos sempre voltados para o chão, o homem passava pelas ruas despercebido, como se invisível. Cruzasse duas ou três vezes diante da padaria, não se lembraria o padeiro de tê-lo visto, nem lhe endereçaria a palavra. Sequer ladravam os cães, quando se aproximava das casas.

Mas aquele homem que não era visto, via longe. Entre as pedras do calçamento, as rodas das carroças, os cascos dos cavalos e os pés das pessoas que passavam indiferentes, ele era capaz de catar dois elos de uma correntinha partida, sorrindo secreto como se tivesse colhido uma fruta.

\* Conto do livro "23 histórias de um viajante" publicado pela editora Global.

À noite, no cômodo que era toda sua moradia, revirava os bolsos sobre a mesa e, debruçado sobre seu tesouro espalhado, colhia com a ponta dos dedos uma ou outra mínima coisa, para que à luz da vela ganhasse brilho e vida. Com isso, fazia-se companhia. E a cabeça só se punha para trás quando, afinal, a deitava no travesseiro.

Estava justamente deitando-se, na noite em que bateram à porta. Acendeu a vela. Era um moço.

Teria por acaso encontrado a sua chave? Perguntou. Morava sozinho, não podia voltar para casa sem ela.

Eu... esquivou-se o homem. O senhor, sim, insistiu o moço acrescentando que ele próprio já havia vasculhado as ruas inutilmente.

Mas quem disse... resmungou o homem, segurando a porta com o pé para impedir a entrada do outro.

Foi a velha da esquina que se faz de cega, insistiu o jovem sem empurrar, diz que o senhor enxerga por dois.

O homem abriu a porta.

Entraram. Chaves havia muitas sobre a mesa. Mas não era nenhuma daquelas. O homem então meteu as mãos nos bolsos, remexeu, tirou uma pedrinha vermelha, um prego, três chaves. Eram parecidas, o moço levou as três, devolveria as duas que não fossem suas.

Passados dias bateram à porta. O homem abriu, pensando fosse o moço. Era uma senhora.

Um moço me disse... começou ela. Havia perdido o botão de prata da gola e o moço lhe havia garantido que o homem saberia encontrá-lo. Devolveu as duas chaves do outro. Saiu levando seu botão na palma da mão.

Bateram à porta várias vezes nos dias que se seguiram. Pouco a pouco espalhava-se a fama do homem. Pouco a pouco esvaziava-se a mesa dos seus haveres.

Soprava um vento quente, giravam folhas no ar, naquele fim de tarde, nem bem outono, em que a mulher veio. Não bateu à porta, encontrou-a aberta. Na soleira, o homem rastreava as juntas dos paralelepípedos. Seu olhar esbarrou na ponta delicada do sapato, na barra da saia. E manteve-se baixo.

Perdi o juízo, murmurou ela com voz abafada, por favor, me ajude.

Assim, pela primeira vez, o homem passou a procurar alguma coisa que não sabia como fosse. E para reconhecê-la, caso desse com ela, levava consigo a mulher.

Saíam com a primeira luz. Ele trancado a porta, ela já a esperá-lo na rua. E sem levantar a cabeça — não fosse passar inadvertidamente pelo juízo perdido — o homem começava a percorrer rua após rua.

Mas a mulher não estava afeita a abaixar a cabeça. E andando, o homem percebia de repente que os passos dela já não batiam ao seu lado, que seu som se afastava em outra direção. Então parava, e sem erguer o olhar, deixava-se guiar pelo taque-taque dos saltos, até encontrar à sua frente a ponta delicada dos sapatos e recomeçar, junto deles, a busca.

Taque-taque hoje, taque-taque amanhã, aquela estranha dupla começou a percorrer caminhos que o homem nunca havia trilhado. Quem procura objetos perdidos vai pelas ruas mais movimentadas, onde as pessoas se esbarram, onde

a pressa leva à distração, ruas onde vozes, rinchar de rodas, bater de pés, relinchos e chamados se fundem e ondeiam. Mas a mulher que andava com a cabeça para o alto ia onde pudesse ver árvores e pássaros e largos pedaços de céu, onde houvesse panos estendidos no varal. Aos poucos, mudavam os sons, chegavam ao homem latidos, cacarejar de galinhas.

O olhar que tudo sabia achar não parecia mais tão atento. O que procurar afinal entre fios de grama senão formigas e besouros? Os bolsos pendiam vazios. O homem distraía-se. Um caracol, uma poça d'água prendiam sua atenção, e o vento lha fazia cócegas. Metia o pé na pegada achada na lama, como se brincasse.

Taque-taque, conduziam-no os pés pequenos dia após dia. Taque-taque, crescia aquele som no coração do homem.

Achei! Exclamou afinal. E a mulher sobressaltou-se. Achei! Repetiu ele triunfante. Mas não era o que haviam combinado procurar. Na grama, colhida agora entre dois dedos, o homem havia encontrado a primeira violeta da primavera. E quando levantou a cabeça e endireitou o corpo para oferecê-la a ela, o homem soube que ele também acabava de perder o juízo.

## **Reflexões: “De muito procurar”**

### **Caminhos de possibilidades**

*Escolhemos essa história porque nos interessam muito essas pessoas que vêem o que os outros não conseguem ver e, por meio delas, conseguimos também ver... A história nos apresenta um homem que procura e que “de muito procurar” acaba encontrando. Quem procura é porque acredita e, quando estamos à procura, acabamos sendo percebidos por aquelas pessoas que sabem ver. Procurar é acreditar que a solução está em algum lugar.*

Aquele homem caminhava sempre de cabeça baixa. Por tristeza, não. Por atenção. Era um homem à procura. À procura de tudo o que os outros deixassem cair inadvertidamente, uma moeda, uma conta de colar, um botão de madrepérola, uma chave, a fivela de um sapato, um brinco frouxo, um anel largo demais.

(...) Mas aquele homem que não era visto, via longe. Entre as pedras do calçamento, as rodas das carroças, os cascos dos cavalos e os pés das pessoas que passavam indiferentes, ele era capaz de catar dois elos de uma correntinha partida, sorrindo secreto como se tivesse colhido uma fruta.

*Percebemos que esse homem era diferente, conseguia en-*

*\* Em itálico, reflexões escritas pela equipe do programa Círculos de Leitura.*

*xergar beleza nas coisas que outras pessoas perdiam pela rua, mas, ele também demonstra ser um homem muito solitário, andava sempre de cabeça baixa.*

À noite, no cômodo que era toda sua moradia, revirava os bolsos sobre a mesa e, debruçado sobre seu tesouro espalhado, colhia com a ponta dos dedos uma ou outra mínima coisa, para que à luz da vela ganhasse brilho e vida. Com isso, fazia-se companhia. E a cabeça só se punha para trás quando, afinal, a deitava no travesseiro.

*Os objetos que o homem encontrava, faziam-lhe companhia, esse foi um recurso que ele encontrou para não se sentir tão sozinho. Ele não desistia e, todo dia, se colocava a caminho, procurava sempre.*

Estava justamente deitando-se, na noite em que bateram à porta. Acendeu a vela. Era um moço.

Teria por acaso encontrado a sua chave? Perguntou. Morava sozinho, não podia voltar para casa sem ela.

(...) Foi a velha da esquina que se faz de cega, insistiu o jovem sem empurrar, diz que o senhor enxerga por dois.

*Nesse momento da história o homem recebe uma primeira ajuda. A velha que se fazia de cega viu o homem que se fazia invisível. Ela ajudou o homem que tinha perdido sua chave e acabou ajudando também o homem que andava de cabeça baixa, porque viu que ele precisava de ajuda. Aqui uma dupla*

*se forma: uma pessoa que perde as coisas, junto com uma outra que sabe encontrar.*

(...) Bateram à porta várias vezes nos dias que se seguiram. Pouco a pouco espalhava-se a fama do homem. Pouco a pouco esvaziava-se a mesa dos seus haveres.

Soprava um vento quente, giravam folhas no ar, naquele fim de tarde, nem bem outono, em que a mulher veio. Não bateu à porta, encontrou-a aberta. Na soleira, o homem rastreava as juntas dos paralelepípedos. Seu olhar esbarrou na ponta delicada do sapato, na barra da saia. E manteve-se baixo.

Perdi o juízo, murmurou ela com voz abafada, por favor, me ajude.

*O homem recebe a visita de uma mulher que chegou na hora certa. Ela encontrou a porta aberta, porque uma parte daquele homem também já havia se aberto para deixar o visitante se aproximar. A mulher, que provavelmente já o observava há um tempo, sabia o quanto ele era um homem especial, mas que precisava de ajuda. E, por saber também como poderia ser difícil para aquele homem, que estava acostumado a ajudar, aceitar ser ajudado, essa mulher foi muito sábia ao dizer que ela é quem precisava de ajuda. Dessa forma, poderia ajudá-lo e, com muita sabedoria, levá-lo por outros caminhos.*

Assim, pela primeira vez, o homem passou a procurar alguma coisa que não sabia como fosse. E para reconhecê-la,



caso desse com ela, levava consigo a mulher.

Saíam com a primeira luz. Ele trancado a porta, ela já a esperá-lo na rua. E sem levantar a cabeça – não fosse passar inadvertidamente pelo juízo perdido – o homem começava a percorrer rua após rua.

Mas a mulher não estava afeita a abaixar a cabeça. E andando, o homem percebia de repente que os passos dela já não batiam ao seu lado, que seu som se afastava em outra direção. Então parava, e sem erguer o olhar, deixava-se guiar pelo taque-taque dos saltos, até encontrar à sua frente a ponta delicada dos sapatos e recomeçar, junto deles, a busca.

Taque-taque hoje, taque-taque amanhã, aquela estranha dupla começou a percorrer caminhos que o homem nunca havia trilhado. Quem procura objetos perdidos vai pelas ruas mais movimentadas, onde as pessoas se esbarram, onde a pressa leva à distração, ruas onde vozes, rincar de rodas, bater de pés, relinchos e chamados se fundem e ondeiam. Mas a mulher que andava com a cabeça para o alto ia onde pudesse ver árvores e pássaros e largos pedaços de céu, onde houvesse panos estendidos no varal. Aos poucos, mudavam os sons, chegavam ao homem latidos, cacarejar de galinhas.

O olhar que tudo sabia achar não parecia mais tão atento. O que procurar afinal entre fios de grama senão formigas e besouros? Os bolsos pendiam vazios. O homem distraía-se. Um caracol, uma poça d'água prendiam sua atenção, e o vento lhe fazia cócegas. Metia o pé na pegada achada na lama, como se brincasse.

*Essa mulher não teve pressa, deu tempo ao tempo, conduzindo-o silenciosamente por esse caminho. Ela sabia que o contato com a natureza, operaria nele uma transformação. Aos poucos ele esquecia de procurar e se entregava àquele ambiente, se distraía com os detalhes da natureza, entregando-se à brincadeira que talvez não tivesse vivido na infância.*

Taque-taque, conduziam-no os pés pequenos dia após dia. Taque-taque, crescia aquele som no coração do homem.

Achei! Exclamou afinal. E a mulher sobressaltou-se. Achei! Repetiu ele triunfante. Mas não era o que haviam combinado de procurar. Na grama, colhida agora entre dois dedos, o homem havia encontrado a primeira violeta da primavera. E quando levantou a cabeça e endireitou o corpo para oferecê-la a ela, o homem soube que ele também acabava de perder o juízo.

*Ao final do conto, ele oferece a essa mulher a flor, que “simboliza a beleza, a perfeição, o amor, a glória e a alegria, mas também a evolução espiritual e a própria alma.”*

## O cooper de Cida \*

Conceição Evaristo

O sol vinha nascendo molhado na praia de Copacabana. A indecisão do tempo, a manhã vagabunda nos olhos sonolentos dos moradores de rua, o trabalho inconsequente das ondas em seu fazer e desfazer, tudo isto comprometia o cooper de Cida. A moça foi diminuindo o passo. Ela era uma desportista natural. Corria o tempo todo querendo talvez vazar o minguado tempo do viver. Era preciso buscar sempre. O que tinha ficado para trás, o agora e o que estava para vir. De manhã, depois da corrida, ia à padaria, passava pela banca de jornal e trazia entre os dedos as notícias do dia que eram mal lidas. Rapidamente, graças ao curso de leitura dinâmica que fizera há uns anos atrás, corria os olhos pelas manchetes tentando apreender os acontecimentos. Em casa, corria ao banho, ao quarto, à sala, à cozinha. Fervia o leite, arrumava a mesa, voltava ao quarto, avançava sobre o guarda-roupa e atracava-se ao uniforme de trabalho, logo depois já estava na sala fechando a porta e indo. Voava pelas escadas, pois o elevador era lento e no constante cooper ganhava a rua. Corria sobre a corda bamba, invisível e opressora do tempo. Era preciso avançar sempre e sempre.

Ela era vencedora de outras distâncias. Já saltara montanhas e divisas de um tempo-espço que ficara para trás. Como

\* Conto do livro "Olhos d'água" publicado pela editora Pallas.

era mesmo a sua cidade natal? Não sabia bem. Lembrava-se, entretanto, que as pessoas eram lentas. Andavam, falavam e viviam de-vagar-zi-nho. A vida era de uma lerdadeza tal, que algumas mulheres esqueciam-se de parir seus rebentos. A barriga crescia até aos onze meses. As crianças nasciam moles, desesperadamente calmas e adriavam indefinidamente o exercício de crescer. Cida desde pequena guardava um sentimento de urgência. Seu corpo aos nove anos maturou-se no sangue mensal de mulher. As suas brincadeiras prediletas, ainda nessa época, eram a de apostar corrida com as crianças e a de desafiar grandes e pequenas, no tempo gasto para execução de qualquer tarefa. Vencia sempre, utilizando um tempo diminuto em relação a todos.

Aos onze anos, Cida foi pela primeira vez ao Rio com a mãe, em viagens de negócios. A mãe reclamava da velocidade dos carros, do amontoado e da correria das pessoas, do vai e vem de todos. Cida bebeu enlouquecida o zigue-zague dos carros, das pessoas, dos pés quase voantes dos pedestres desafiando, vencendo e encontrando a morte. Descobriu no turbilhão da cidade um jogo de caleidoscópio formado por peças, gente-máquinas se cruzando, entrecortando braços, rodas, cabeças, buzinas, motos, pernas, pés e corpos aromatizados pela essência da gasolina. Cida descobriu outras pessoas também portadoras da urgência de vida que ela trazia em si. E naquele momento optou por retornar um dia para ficar ali. Tinham razão, a cidade era maravilhosa.

Aos dezessete anos, um emprego, o primeiro, arranjado por um tio, permitiu que ela viesse para a capital. A vida

seguia no ritmo acelerado de seu desejo. Trabalho, trabalho, trabalho. O dia entupido de obrigações. A noite festejada por encontros de rápidos gozos. Os amores tinham de ser breves. Cursos, estudos somente aqueles que proporcionassem efeitos imediatos. Nada de sala de aula durante anos e anos e de leituras infinitas. — *Aprenda inglês em seis meses. Garantimos a sua aprendizagem em cento e oitenta dias.* — Nada de gastar o tempo curto e raro. É preciso correr, para chegar antes, conseguir a vaga, o lugar ao sol, pegar a fila pequena no banco, encontrar a lavanderia aberta, testemunhar a metade da missa. O padre era lento e o ritual também. Assistia a metade da liturgia, pelo menos não ficava com o remorso inteiro. Não perder a missa aos domingos foi a única recomendação que a mãe fizera. Alguns hábitos ela havia deixado para trás, outros reforçara e havia adquirido alguns novos. Passou a beber diariamente um refrigerante, como também comprava todos os dias um jornal, que na maioria das vezes nem lia. Aumentara vertiginosamente o hábito de correr. Todas as manhãs, os pés de Cida pisavam rápido o calçadão da praia. Iam e vinham em toques rápidos e furtivos, como se tivessem envergonhados dos carinhos que o solo pudesse lhes insinuar no decorrer da marcha. A moça imprimia mais e mais velocidade a sua louca e solitária maratona. Corria contra ela própria, não perdendo e não ganhando nunca. Mas naquele dia, a semidesperta manhã inundava Cida de um sentimento pachorrento, de um desejo de querer parar, de não querer ir. Sem perceber, permitiu uma lentidão aos seus passos e pela primeira vez viu o mar. A princípio experimentou uma profunda monotonia

observando os movimentos repetidos e maníacos das ondas. Como a natureza repetia séculos e séculos, por todo o sempre, os mesmos atos? O dia raiar, a noite cair, o sol, a lua... O mar magnânimo lavando repetidamente, a curtos intervalos a areia circundante. Tudo monótono, certo e previsível. Tão previsível como os principais atos dela: levantar, correr, sair, voltar. Contemplou os rostos que passavam, conhecia todos de relance. Todas as manhãs topava com aquelas faces suadas diante de si. Assustou-se. Percebeu que não estava correndo. Estava andando em câmera lenta, quase. Sentiu a planta dos pés, mesmo guardadas nos tênis, tocando o solo. Ela estava andando, parando, andando, parando, parando. Todos os seus membros estavam lassos, só o coração batia estonteado. Cida levou a mão ao peito. Sentiu o coração e os seios. Lembrou-se então que era uma mulher e não uma máquina desenfreada, louca, programada para correr correr. Envergonhou-se dos orgasmos premeditados, cronometrados que vinha cultivando até ali. Ela não se entregava nunca e repudiava qualquer gesto de abandono que alguém pudesse ter diante dela. A corda bamba do tempo, varal no qual estava estendida a vida, era frágil, podendo se romper a qualquer hora. Era preciso, pois, um constante estado de alerta. O mar movimentou-se novamente num gesto aliciante e convidativo. Cida abandonou o calçadão e encaminhou-se para a areia. Sentiu necessidade de arrancar os tênis que lhe prendiam os pés e deixou aquelas correntes abandonadas ali mesmo. Afundou os pés na areia e contemplou mais uma vez o mar. Um nadador brincava re-

petidas vezes com os braços e a cabeça na água. Cida aguardou cá fora desejando ansiosa que ele saísse. Ela queria saber do tempo dele, barganhar momentos, pedir um tempo emprestado talvez. Como uma pessoa, em plena terça-feira, às seis e cinquenta e cinco da manhã, podia estar tão tranquilamente brincando no mar? Deveria ser extremamente rico. Viver de juros. Lembrou-se dos mendigos que constantemente cruzavam o seu caminho. Eram extremamente pobres. Ou o tempo não se media com moeda, ou as horas, os dias, os anos não seriam medidas justas do tempo. Ela estava com vinte e nove anos. Pouco? Muito? Medir, comparar, aquilatar os anos em relação a que? Haveria um tempo outro amortecido no coração do tempo? O nadador continuava com a sua brincadeira. Cida desejou se lançar no mar à procura de algo que ela não encontrava cá fora. Dizem que o fundo do mar abriga riquezas e mistérios. Ela lembrou-se que já passava da hora de voltar para casa. Era preciso continuar suas ações rotineiras, incorporar-se novamente ao cotidiano. Às sete e quarenta e cinco, Pedro acionaria a buzina do carro em frente ao prédio dela. Já pronta, desceria rapidamente a escada, e antes, bem antes das oito e trinta, se o trânsito estivesse bom, eles aportariam no escritório da Rio Branco. Era preciso ir, correr mais ainda. Havia maculado o tempo com o olhar e a espera pecaminosa diante do mar. O banhista tranquilo insistia em seu jogo. Cida veio voltando, entretanto lentamente. Outros corredores cá no calçadão iam e vinham. Omar insistia em se mostrar diante dela. Só então, naquele dia, ela percebera o mar. E como

tudo era desmesuradamente belo. Atravessou calmamente a rua, não correu. Alguns mendigos saíam dos bares com copos plásticos cheios de café. Tomavam o líquido e tinham a expressão entorpecida de sono, fome, descompromisso e abandono. Qual seria a medida de tempo para eles? Em meio a esses pensamentos, Cida chegou à porta de seu prédio. Pedro fora do carro preparava-se para entrar e ao deparar-se com ela, bradou assustado olhando para a moça da cabeça aos pés: *O que acontecera? Por que ela estava chegando do cooper naquele instante? Fora assaltada? Levaram-lhe os tênis? Era preciso subir rápido, voar, ela estava atrasadíssima.*

Cida escutava tudo calada. Pedro gesticulava e falava rápido como se estivesse irradiando uma partida de futebol. Lembrou-se de que quando era criança, uma de suas diversões era colar o radinho no ouvido e ficar ouvindo a narração do futebol. Tinha a impressão de que a fala do locutor era mais rápida do que a bola nos pés dos jogadores. Parecia que era a palavra do homem que empurrava o jogo. Pedro bradava, bradava. O tempo estava passando e ela continuava ali apalermada. O que estava acontecendo? Só então Cida percebeu o motivo de aflição do amigo. Ela estava chegando atrasada do cooper. Tinha comprometido, extrapolado o tempo. O que havia acontecido? Não, não tinha acontecido nada. Não tinha sido assaltada. Apenas demorara mais, muito mais do que o costume. Se distraíra, esquecerera das horas. Ele poderia ir, já estava bastante atrasado. Hoje ela não iria trabalhar, queria parar um pouco, não fazer nada de nada talvez. E só então



falou significativamente uma expressão que tantas vezes usara e escutara. Mas falou tão baixinho, como se fosse um momento único de uma misteriosa e profunda prece. Ela ia dar um tempo para ela.

## **Reflexões: “O cooper de Cida”**

### **Caminhos de possibilidades**

No conto “O cooper de Cida”, Conceição Evaristo relata de forma muito clara como é fácil se enganar pelas aparências. Cida vivia em uma pequena cidade e, por ser uma jovem cheia de energia e muito competitiva, fazia tudo depressa e melhor do que os outros.

Em um belo dia, em uma viagem de férias, Cida, aos 11 anos, vai com sua família pela primeira vez ao Rio de Janeiro e fica maravilhada com a beleza e o ritmo da cidade, tudo se movia rápido, as pessoas corriam de um lado para o outro, todas parecendo sempre muito decididas.

Aos 17 anos, um parente de Cida lhe conseguiu um emprego na Cidade Maravilhosa e, até os 29 anos, ela seguiu esse ritmo de vida frenético que sempre quis. Até que, um dia, cansada de tanto correr, ela para na praia, tira aqueles sapatos pesados, que mais pareciam correntes e sentiu a areia contemplou o mar. No início, o vai e vem das ondas lhe pareciam muito monótonos, assim como sua própria vida, mas, depois de um tempo observando o movimento do mar, sua vida lhe passou pela cabeça como um filme e percebeu o absurdo da vida que ela tinha escolhido viver.

Ao ver pela primeira vez a beleza do mar, Cida voltou para casa e decidiu que, naquele dia, ela não iria trabalhar. A partir daquela descoberta, daquele despertar, decidiu que daria um tempo para si mesma.

É muito bonito como Conceição Evaristo nos relata esse acontecimento: Em que momento nos damos conta de que existe essa outra vida. Ela diz: “Haveria um tempo outro amortecido no coração do tempo?”. A autora deixa em aberto como a Cida irá organizar sua vida depois do despertar, mas, o que sabemos é que ela ficou com vergonha ao se dar conta de que estava vivendo como uma máquina e não como uma mulher.

Não sabemos quem serão seus amigos ou quem serão seus amores, será que agora ela vai ler o jornal?

O tema do despertar está presente em muitas obras, em “Perdoando Deus”, de Clarice Lispector, a personagem ao se deparar com um rato morto, percebe o absurdo de sua vida. Em “Zorba, o Grego”, há um momento em que o amigo diz para o escritor: “você está escrevendo para fugir da vida, você é um roedor de papiros” e, a partir disso, o escritor decide viajar. Em “Os irmãos Karamazov”, esse tema aparece no momento em que Zossima está prestes a participar de um duelo e, muito nervoso, um dia antes, bate em seu Afanassi e, ao ver como esse homem reage com dignidade, sem retribuir a violência, ele percebe o absurdo que é um homem ferir outro homem, naquele momento, é como se ele tivesse sido atravessado por uma agulha e acordou para essa outra vida, da fraternidade humana.

Esse tema também aparece muitas vezes quando há pessoas que, ao adoecerem e precisarem ficar paradas por um tempo, percebem que não poderiam nunca voltar a viver uma vida automática e mecânica. Desde a Grécia antiga, o tema das visitas era muito frequente, alguém te visitava, como uma

espécie de mensageiro e essa pessoa te alertava para algo, te ajudava a despertar.

É muito interessante perceber como, em diferentes contos e livros, nos é apresentada várias formas de despertar. Em que momento algo acontece que nos desperta para a verdadeira vida?

# Parte 2



## No aconchego de um turbante \*

Marina Colasanti

O único filho do velho do vizir não demonstrava ter herdado a sabedoria do pai. Com a morte deste, porém, herdou-lhe toda a fortuna.

Logo empenhou-se em gastá-la. Novos palácios, novos elefantes, novos trajés suntuosos, novas jóias, novas babuchas bordadas. Fez-se ter um novo turbante.

Chamados, os mercadores de tecidos derramaram a seus pés damascos, veludos, brocados, cobrindo de cores e brilho o mármore do salão, sem que nada satisfizesse o exigente jovem. Afinal, entre tantas, escolheu uma peça de delicada seda de palha entretecida de fios de ouro. E, para surpresa de quantos o rodeavam, exigiu que fosse toda ela utilizada na confecção do turbante. Haveria de ser o maior jamais visto por aquelas paragens.

Enrola, enrola, enrola, depois de muitas voltas o jovem viu-se coroadado pelas espirais macias que, sobrepostas umas às outras, avançaram para lá da sua cabeça sombreando-lhe o rosto e os ombros, turbante amplo como um guarda-sol, que foi arrematado à altura da testa com uma esmeralda do tamanho de um ovo, e um discreto penacho.

Agora o filho do vizir podia, de modo condigno, pensar em

\* Conto do livro "23 histórias de um viajante" publicado pela editora Global.

outras maneiras de enfeitar sua vida e sua pessoa.

Estava justamente sentado em um banco do jardim, envolto nessas meditações, na manhã de quase verão em que uma cegonha, chegando cansada da longa migração, viu naquela estranha espécie de ninho a possibilidade de instalar-se sem delongas. Num último bater de asas, passou bem no meio do turbante, eriçou as penas espantando a poeira da viagem, dobrou as longas pernas, ajeitou-se, e fechando as pálpebras adormeceu.

Paralisado de surpresa, o filho do vizir perguntou-se o que fazer. Espantar animal tão benfazejo era impensável, não se enxota a boa sorte que nos escolhe. Compartilhar com ela o turbante parecia impossível. De momento, porém, não havia outra solução à vista. Não seria muito tempo, pensou o jovem. Quando a cegonha acordasse, certamente buscaria pouso mais conveniente, uma boa chaminé, um topo de telhado, uma árvore.

Imóvel, o filho do vizir esperou.

Mas se ele havia pensado com sua cabeça, outra era a cabeça da cegonha. Acordando muitas horas depois ela olhou em volta, e pareceu-lhe evidente que, fosse onde fosse, jamais conseguiria fazer com que seu duro bico e com gravetos secos ninho acolhedor como aquele. Nunca suas penas haviam sido acariciadas por contato tão suave. E até mesmo o leve perfume que emanava do turbante a envolvia como um agrado. Encolhendo em ondas de puro prazer o longo pescoço, a cegonha refestelou-se.

A princípio no palácio e logo na cidade, comentava-se. Eleito por uma cegonha, o filho do vizir já não parecia tão leviano,



dotes ocultos haviam de ter motivado aquela escolha. E de fato, o jovem, andando com passos pausados para manter o equilíbrio de tanto peso, adquiria postura mais severa, uma certa dignidade parecia transmitir-se a seus gestos. Nem mais se interessava por festas – e como poderia entregar-se a danças ou farrear com amigos, carregando aquela alada presença que mal via?

Pela primeira vez consciente da própria cabeça, o filho do vizir descobria-lhe outros usos. Sem poder cavalgar, sem participar de torneios ou caçadas, deixava expandir seus pensamentos, refletia. E os serviçais surpreenderam-se vendo – o ocupando em leituras.

Depois um dia, de repente, um estremecimento no alto, um seco estalar, e eis que a cegonha havia colhido com o bico a bela esmeralda que arrematava o turbante. Em vão o filho do vizir alongou o braço apalpando. Ela a havia metido debaixo de si juntamente com seus próprios ovos, e revidara a bicadas qualquer tentativa de invasão. Caído o penacho, perdida estava toda elegância.

No palácio, porém, a ausência da esmeralda foi interpretada como um gesto de modéstia, e muito louvada.

Passou-se uma semana, outras vieram puxadas por aquela. Quanto demoram ovos de cegonha para eclodir?, indagou o filho do vizir. Agora mantinha-se quase imóvel, como no primeiro dia, não fosse um movimento em falso pôr a perder todo o esforço de vida que se desenrolava acima da sua cabeça. E parado meditava, sentindo-se parte daquele milagre.

Sua expectativa teve fim no devido tempo, quando os filhotes

nasceram anunciados por um pipilar estridente. E ao longo dos meses de verão ele acompanhou o alterar-se daquele pipilar, os chamados fazendo-se mais claros e fortes, enquanto minúsculas penas cinzentas caíam voltando do alto à medida que os filhotes se emplumavam.

Não durou menos do que os outros, aquele verão. Mas o filho do vizir surpreendeu-se no dia em que uma agitação maior no turbante, seguida de um grande bater de asas, denunciou a partida. A cegonha e seus filhos preparavam-se para a migração. O outono havia chegado.

De baixo, o filho do vizir viu as grandes aves brancas saindo em vôo da sua cabeça como se saíssem dos seus pensamentos, indo juntar-se na distância a outros da sua espécie. Mesmo ao longe, distinguia-se entre todas uma jovem cegonha verde.

Diz-se que, ano após ano, as cegonhas voltam ao mesmo ninho. Pensando nisso talvez, o jovem filho do vizir deteve o gesto com que se preparava a desfazer as espirais puxando a ponta da longa seda. Com extrema delicadeza tirou o turbante inteiro da cabeça, e mandou que assim como estava fosse depositado no mais alto telhado do palácio.

## A cidade dos cinco ciprestes \*

Marina Colasanti

Não era um homem rico. Nem era um homem pobre. Era um homem, apenas. E esse homem teve um sonho. Sonhou que um pássaro pousava em sua janela e lhe dizia: “Há um tesouro esperando por você na cidade dos cinco ciprestes”. Mas quando o homem quis abrir a boca para perguntar onde ficava a cidade, abriram-se os seus olhos, e o pássaro levantou vôo levando o sonho no bico.

O homem perguntou aos vizinhos, aos conhecidos, se sabiam de tal cidade. Ninguém sabia. Perguntou aos desconhecidos, aos viajantes que chegavam. Ninguém a havia visto ou ouvido falar dela. Por fim, perguntou ao seu coração, e seu coração lhe respondeu que quando se quer o que ninguém conhece, melhor é ir procurar pessoalmente.

Vendeu sua casa e com o dinheiro comprou um cavalo, vendeu sua horta e com o dinheiro comprou os arreios, vendeu seus poucos bens e colocou as moedas numa sacola de couro que pendurou no pescoço.

Já podia partir.

Iria para o Sul, decidiu esporeando o cavalo. As terras do sol são mais propícias aos ciprestes. pensou ainda afastando do pescoço a pelerine. Galopou, galopou. galopou. Bebeu

\* Conto do livro “23 histórias de um viajante” publicado pela editora Global.

água de regatos. bebeu água de rios, debruçou-se sobre um lago para beber e viu seu rosto esgotado. Mas cada vez tornou a montar, porque um tesouro esperava por ele.

Pareciam cinco torres riscadas a carvão no céu azul, quando afinal as viu ao longe coroando o topo de uma colina. Meus ciprestes, cantou altíssimo seu coração. E embora tão cansado o cavalo, pediu-lhe um último esforço. Ainda hoje te darei cocheira e palha fresca na minha cidade, prometeu sem ousar cravar-lhe as esporas. Foram a passo. Porém, desbastando a distância, percebeu o homem que não poderia cumprir a promessa. Nenhum perfil de telhado, nenhuma quina de casa. Nenhum muro denteava o alto da colina. Galgaram lentamente a encosta sem caminhos. opo,anco ciprestes reinavam altaneiros e sós. Não havia cidade alguma.

A noite já se enovelava no vale. Melhor dormir, pensou o homem, amanhã verei o que fazer. Soltou o cavalo, que pastasse. Cobriu-se com a pelerine, fez do seu desapontamento travesseiro, e adormeceu.

Acordou com a conversa dos ciprestes na brisa. O ar fresco da noite ainda lhe coroava a testa, mas já uma enxurrada de ouro em pó transbordava do horizonte alagando o vale, e os insetos estremeciam asas prontos a lançar-se ao sol que logo assumiria o comando do dia.

O homem levantou-se. Estava no delicado topo do mundo. Os sons lhe chegavam de longe, suaves como se trazidos nas mãos em concha. Ao alto, cinco pontas verdes ondejavam desenhando o vento.

Eis que encontrei meu tesouro, pensou o homem tomado de paz. E soube que ali construiria sua nova casa.

Uma casa pequena com um bom avarandado, a princípio. Depois, com o passar dos anos, outras casas, dele que havia fundado família, e de outras famílias e gentes atraídas pela sedução daquele lugar. Um povoado inicialmente, transformado em aldeia que desce pela encosta como baba de caracol e que um dia será cidade.

A quem no vale pergunta, já respondem, é a cidade dos cinco ciprestes.

No alto, esquecido, um baú cheio de moedas de ouro dorme no escuro coração da terra, entrelaçado com cinco fundas raízes.

## Negócio de menino com menina

Ivan Ângelo

O menino, de uns dez anos, pés no chão, vinha andando pela estrada de terra da fazenda com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde. A menina, de uns nove anos, ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e pediu ao pai:

— Olha que lindo! Compra pra mim?

O homem parou o carro e chamou:

— Ô menino.

O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou do lado da janela da menina. O homem:

— Esse passarinho é pra vender?

— Não senhor.

O pai olhou para a filha com cara de deixa pra lá. A filha pediu suave como se o pai tudo pudesse:

— Fala pra ele vender.

O pai, mais para atendê-la, apenas intermediário:

— Quanto você quer pelo passarinho?

— Não tou vendendo, não, senhor.

A menina ficou decepcionada e segredou:

— Ah, pai, compra.

A menina não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor. Mas o pai era um homem

de negócios, águia da Bolsa, acostumado a encorajar os mais hesitantes ou a virar a cabeça dos mais recalcitrantes:

— Dou dez mil.

— Não senhor.

— Vinte mil.

— Vendo não.

O homem meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado.

— Trinta mil.

— Não tou vendendo, não, senhor.

O homem resmungou “que menino chato” e falou pra filha:

— Ele não quer vender. Paciência.

A filha, baixinho, indiferente às impossibilidades de transação:

— Mas eu queria. Olha que bonitinho.

O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino, com um rasgo na manga, o rosto vermelho de sol.

— Deixa comigo.

Levantou-se, deu a volta, foi até lá. A menina procurava intimidade com o passarinho, dedinho nas gretas da gaiola.

O homem, maneiro, estudando o adversário:

— Qual é o nome deste passarinho?

— Ainda não botei nome nele, não. Peguei ele agora.

O homem, quase impaciente:

— Não perguntei se ele é batizado não, menino. É pintas-silgo, é sabiá, é o quê?

— Aaaah. É bico-de-lacre.

A menina, pela primeira vez, falou com o menino:

— Ele vai crescer?

O menino parou os olhos pretos nos olhos azuis.

— Cresce nada. Ele é assim mesmo, pequenininho.

O homem:

— E canta?

— Canta nada. Só faz chiar assim.

— Passarinho besta, hein?

— É. Não presta pra nada, é só bonito.

— Você pegou ele dentro da fazenda?

— É. Aí no mato.

— Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu.

O menino segurou com mais força a alça da gaiola, ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão.

— Dou quarenta mil, pronto. Toma aqui.

— Não senhor, muito obrigado.

O homem, meio mandão:

— Vende isso logo, menino. Não tá vendo que é pra menina?

— Não, não tou vendendo, não.

— Cinquenta mil! Toma! — e puxou a gaiola.

Com cinquenta mil se comprava um saco de feijão, ou dois pares de sapatos, ou uma bicicleta velha. O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula.

— Quero, não, senhor. Tou vendendo não.

— Não vende por quê, hein? Por quê?

O menino, acuado, tentando explicar:

— É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele e tou



com fome e com sede, e queria ter ele mais um pouquinho. Mostrar pra mamãe.

O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.

— Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ignorante, filha. Vam'bora.

O menino chegou pertinho da menina e falou baixo, para só ela ouvir:

— Amanhã eu dou ele para você.

Ela sorriu e compreendeu.

## A menina

Ivan Ângelo

*“Oh, ela sabia cada vez mais.”*

Clarice Lispector, “Perto do coração selvagem”

“Sentar-se, concentrada, contar até um número, por exemplo dez, ou doze, e esperar agudamente um acontecimento importante, era seu exercício mais impreciso, mais despido de maldade, porque ela não escolhia o que ia acontecer, só fazia acontecer.

Havia outros, menos intensos: gritar “aaaa” de olhos fechados e, abrindo-os, esperar que tudo houvesse desaparecido; colocar a mão molhada na testa e acompanhar aquele sangue mais frio passeando no seu corpo; imóvel e muda, obrigar a fruteira de cristal brilhante a estilhaçar-se no chão com a força do pensamento; passar sem comer um dia inteiro para preocupar a mãe e ouvir deliciada: “Ana Lúcia, você me mata!”.

Entretanto, era o esperar que algo importante acontecesse quando contasse até doze ou dez que lhe dava aquele segundo de vida intenso do qual ela saía sempre um pouco mais velha, e apressava a sua respiração, como um cansaço ou um beijo de Guilherme em Nilsa. Horas depois, ou nos dias seguintes, quando ouvia as pessoas grandes conversarem segredos ou comentarem graves um fato recente, dizia-se, plena de poder,

ela mesma perplexa ante suas possibilidades: “Fui eu. Fui eu que fiz.”

Achava péssimo ir à escola, a professora era horrível. As coisas de que mais gostava: pensar sem ninguém perto porque aí podia ir avançando até se perder, brincar de santa, dormir, comer doce. Bom mesmo era fazer nada, nem pensar, mas isso só às vezes conseguia, e era impossível gozar o momento, sempre passado. Pois quando o sentia, ele já acabara: ela começara a pensar. Ter aquilo na mesma hora seria morrer? – perturbava-se ela com o pensamento, cada vez sabendo mais.

Sim, cada vez sabendo mais. Sempre sentira esse mistério: não ter pai. Ela, que podia tanta coisa, afinava-se embaraçada de não conseguir dizer “papai” do modo de Tita ou Nina. Era a única coisa que faziam melhor do que ela, dizer “papai”. A diferença talvez só ela percebesse, sutil. Sentia que pai era uma coisa que se tem sempre, como mãe, ou roupas. Tita e Nina sabiam que aquela era uma vantagem:

– Quede seu pai, Ana Lúcia?

– Está viajando.

Disseram-lhe isso, já tinha escutado ou inventara? Ah, cada vez sabia mais, sempre mais.

Guilherme e Nilsa não se beijavam perto da mãe. Se ela chegava, as mãos ficavam quietas nas mãos, a respiração ficava mansinha e não havia mais nada interessante para olhar da janela do quarto. Beijar devia ser proibido. Ou pecado. (Sabia mais, sempre mais).

– Ana Lúcia, seu pai ainda está viajando?

– Está.

— Mentirosa! Sua mãe é desquitada.

Ficou impotente diante da palavra desconhecida. Uma coisa nova, ainda não se podia saber de que lado olhar para possuí-la toda. Desquitada. Desquitada. Jamais perguntaria a Tita, era uma alegria que não lhe daria. Ficou uns instantes sem saber como sair ilesa dessa armadilha. Tita corada e brilhante de prazer na sua frente.

— E o que é que tem isso?

Tita desmontou como um quebra-cabeça, Ana Lúcia balançara o tabuleiro. Jamais teria medo de Tita, ela sempre dependia demais das coisas fora dela, de um gesto, de uma palavra como desquitada ou parto.

Desquitada. Passou dias tentando solucionar sozinha. Seria uma coisa como burra, feia? Não, não parecia. Flor? Flor parecia, mas não explicava nada: orquídeas, rosas, sempre-vivas, desquitadas... Parecia. “Mentirosa! Sua mãe é desquitada.” Tita dissera como quem diz o quê? o quê? o quê? — “sem-vergonha”. Sim!, como quem diz sem-vergonha: olhando de frente e esperando um tapa.

Nesses dias amou a mãe com muita força, amou-a até sentir lágrimas, defendendo-a contra a palavra que poderia feri-la: desquitada, sem-vergonha. Pensava a palavra de leve, com receio de ferir a mãe. Experimentava baixinho torná-la mais suave, molhando-a de lágrimas e amor: desquitadinha, sem-vergonhinha. Mas a palavra sempre agredia, sempre feria.

Sentada no chão, picando retalhinhos de pano com a tesoura, amava a mãe intensamente, enquanto ela costurava rápida, bonita mesmo, com aqueles alfinetes na boca. Chegava alguém para provar vestidos, a mãe mandava-a sair. Era feio

ver gente grande mudar de roupa, a mãe dizia. Saía contrariada por deixá-la exposta à palavra, em perigo. Abria-se a porta, ela entrava de novo, amando, amando.

Estava cansada dessa obrigação e só por isso duvidou de si, subitamente um dia ao tomar leite para dormir: desquitada podia não ser como sem-vergonha! Podia até ser pior, e quem sabe podia ser melhor. Respirando fundo e observando-se, ela seguia pronta para novas descobertas. Refugiou-se no sono.

No dia seguinte recomeçou. Mais uma vez preocupava-se com a palavra, agora não nova, mas mistério, sombra. Não se arriscava a dar um palpite, havia o perigo de outro engano.

A professora feia! pergunta no fim da manhã, recolhendo os cadernos, se alguém tem alguma dúvida. Ana Lúcia acende-se emocionada. Por que não a professora? Talvez ela fosse boa, talvez dissesse logo o que é desquitada, talvez dissesse na mesma hora, sem muitas perguntas como por que você quer saber uma coisa dessas. Levanta-se tímida, insegura. Já de pé, desiste, e não sabe se sente ou chora.

— O que é, Ana Lúcia?

A voz da professora, mansa, mas não ajudando. “Não pergunto, não pergunto” — teima Ana Lúcia, ganhando tempo.

— O que é? — a voz insiste.

As meninas riem, insuportáveis. Helenice e seus dentes enormes impossibilitando tudo. Ana Lúcia sente que vai chorar. Estar perto da mãe é o que mais deseja.

— Sente-se — ordena a professora irritada.

A máquina de costura avançava decidida sobre o pano. Que bonita que a mãe era, com os alfinetes na boca. Gostava de olhá-la calada, estudando seus gestos, enquanto recortava

retalhos de pano com a tesoura.

Interrompia às vezes seu trabalho, era quando a mãe precisava da tesoura. Admirava o jeito decidido da mãe ao cortar pano, não hesitava nunca, nem errava. A mãe sabia tanto! Tita chamava-a de ( ) como quem diz ( ). Tentava não pensar as palavras, mas sabia que na mesma hora da tentativa tinha-as pensado. Oh, tudo era tão difícil. A mãe saberia o que ela queria perguntar-lhe intensamente agora quase com fome, depressa, depressa antes de morrer, tanto que não se conteve e:

— Mamãe, o que é desquitada? — atirou rápida com uma voz sem timbre. Tudo ficou suspenso, se alguém gritasse o mundo acabava ou Deus aparecia — sentia Ana Lúcia. Era muito forte aquele instante, forte demais para uma menina, a mãe parada com a tesoura no ar, tudo sem solução podendo desabar a qualquer pensamento, a máquina avançando desgovernada sobre o vestido de seda brilhante espalhando luz luz luz.

A mãe reconstruiu o mundo com uma voz maravilhosa e um riso:

— Eu precisava mesmo explicar para você a situação. Mas você é tão pequena!

Olhou a filha com carinho, procurando o jeito mais hábil. Pouco mais de sete anos, o que poderia entrar naquela cabeceira?

— Desquitada é quando o marido vai embora e a mãe fica cuidando dos filhos.

Pronto, estou livre — sentiu Ana Lúcia. — Desquitada, desquitada, desquitada — repetia sem medo. Sentia-se completa e nova. Alegrou-se por não precisar amar a mãe com aquela

força de antes. Sendo apenas uma menina poderia cansar-se e então o que seria da mãe? Bom que desquitada não fosse um insulto. Bom mesmo. Deixava-a livre para pensar e não pensar, coisa tão difícil que

— Marido é o pai? — ela quis confirmar, conquistando áreas que as outras crianças tinham naturalmente. A mãe sorriu e confirmou.

Tita sabia dizer “papai” porque a mãe não era desquitada -ia Ana Lúcia aprendendo, descobrindo. Havia muita coisa em que pensar naquela conversa. Por exemplo: o que ela chama de marido é o que eu chamo de pai. Essa é uma diferença entre mãe e filha. Ela sabia cada vez mais.”

## A lenda das areias

Conto sufi \*

Vindo desde as suas origens, nas distantes montanhas, após passar por inúmeros acidentes de terreno nas regiões campestres, um rio finalmente alcançou as areias do deserto. Do mesmo modo como vencera as outras barreiras, tentou atravessar esta de agora, mas deu-se conta de que, mal suas águas tocavam a areia, nela desapareciam.

Estava convicto, no entanto, de que fazia parte de seu destino cruzar aquela tórrida vastidão, embora encontrasse dificuldades em fazê-lo. Então, uma voz misteriosa, saída do própria imensidão arenosa, sussurrou:

— O vento cruza o deserto, o rio pode fazer o mesmo.

Ele objetou estar arremessando-se contra as areias, sendo, assim, absorvido, enquanto o vento podia voar, conseguindo, desta maneira, passar incólume.

*(\*) O sufismo é uma das vertentes filosóficas e místicas do islamismo. Para os sufistas, o encontro com Deus, muitas vezes nomeado de “Real”, está relacionado ao encontro com as outras pessoas, com o cosmos e com a prática de autoconhecimento e de abertura ao outro. Como as lendas e os mitos, muitos textos sufistas foram escritos há milênios e não se sabe quem são os autores. Há também escritores sufistas como Omar Khayyam (1048-1131) e Jelaluddin Rumi (1207-1273) reconhecidos dentro e fora do mundo árabe. Muitos de seus textos foram citados por filósofos e escritores ocidentais.*



— Arrojando-se com violência, como vem fazendo, não conseguirá cruzá-lo. Assim, desaparecerá ou irá transformar-se num pântano. Deve permitir que o vento o conduza ao seu destino.

— Mas como isso pode acontecer?

— Consentindo em ser absorvido.

Tal sugestão era inaceitável para o rio. Deixar-se absorver? Não desejava perder a sua individualidade. Caso isto acontecesse, como saber se a recuperaria mais tarde?

— O vento desempenha essa função. — Disseram as areias. Eleva a água e a conduz, deixando-a cair depois, na forma de chuva, para converter-se em rio outra vez.

— Como posso ter certeza?

Pois assim é. Se não acredita, jamais será outra coisa, a não ser um pântano e, mesmo isto, levaria muitos e muitos anos. E um pântano não é, certamente, a mesma coisa que um rio.

— Mas não posso continuar sendo o mesmo rio que sou agora?

— Você não pode, em caso algum, permanecer assim.

— Retrucou a voz.

Ao ouvir tais palavras, certos ecos começaram a ressoar nos pensamentos mais profundos do rio. Recordou vagamente um estágio em que ele, ou uma parte dele, não sabia qual, fora transportada nos braços do vento. Também lembrou, ou lhe pareceu assim, de que era isso o que devia fazer, conquanto não lhe parecesse a coisa mais natural.

Então, o rio elevou seus vapores nos acolhedores braços do

vento, que suave e facilmente o conduziu para o alto e para bem longe, deixando-o cair tranqüilamente, tão logo tinham alcançado o topo de uma montanha, milhas e milhas mais adiante. E, porque tivera suas dúvidas, o rio pode recordar e gravar com mais firmeza em sua mente os detalhes daquela experiência. E ponderou:

— Sim. Agora conheço minha verdadeira identidade.

O rio estava fazendo seu aprendizado, mas a areias sussurraram:

— Nós temos o conhecimento porque vemos essa operação ocorrer dia após dia. Nós, as areias, nos estendemos por todo o caminho que vai desde as margens do rio até a montanha.

E é por isso que se diz que o caminho do Rio da Vida está escrito nas Areias.





# Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

O **Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial**, fundado em 1987, tem a missão de promover o fortalecimento das instituições e a construção de uma sociedade menos desigual no Brasil e na América Latina. Sua atuação se dá por meio de pesquisas, seminários e ações sociais. Com nosso nome, homenageamos **Fernand Braudel** (1902-1985), grande historiador francês e um dos fundadores da Universidade de São Paulo; seu trabalho celebra o poder do mercado como força no desenvolvimento humano.

Realizamos pesquisas e debates públicos sobre gestão e políticas públicas, crises financeiras, comércio, energia e instituições democráticas. Desenvolvemos ações que contribuem para o avanço da sociedade em: educação, saúde, segurança pública, na formação de consensos sobre responsabilidade fiscal e estabilidade monetária e na focalização das prioridades nos investimentos em infraestrutura.

Nossas pesquisas concentram-se na publicação do *Braudel Papers*, jornal de pesquisa e opinião editado em português, inglês e espanhol. A **Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP)**, desde o início, generosamente se associa à nossa missão.



# Programa Círculos de Leitura

Há 24 anos, o programa **Círculos de Leitura** do **Instituto Braudel**, em parceria com as redes onde atua, promove o desenvolvimento integral dos alunos através da leitura e da escrita com jovens do Ensino Fundamental II e Médio. A discussão de grandes obras da literatura brasileira e mundial, em grupo e em voz alta, estimula o desenvolvimento de diversas competências gerais da *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*, como empatia, cooperação, argumentação, comunicação e autoconhecimento, ampliando o repertório cultural dos jovens.

O Programa incentiva o protagonismo juvenil, pois são os jovens multiplicadores formados na metodologia dos **Círculos de Leitura** que conduzem os grupos em suas escolas. Estes alunos formam novos multiplicadores entre seus pares, assegurando a continuidade do programa nas escolas.

A leitura e a reflexão em grupo oferecem um espaço para que os jovens compartilhem experiências e ampliem seu universo de conhecimento. Os livros são lidos em voz alta, assim integramos as duas fontes: a tradição oral dos contadores de história e a literatura escrita, recuperando a memória coletiva e nos conectando com o “Grande Tempo”.





# Créditos

**Edição** Catalina Pagés

**Coordenação editorial** Madu Gomes

**Assistência editorial e revisão** Débora Nascimento

**Design** Andrés Parallada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Contos para recontar / [organização] Instituto Braudel, Programa  
Círculos de Leitura. -- São Paulo : Instituto Braudel, 2024.

Vários autores.

ISBN 978-85-62780-08-0

1. Contos brasileiros - Coletâneas I. Instituto Braudel. II. Programa  
Círculos de Leitura.

24-204015

CDD-B869.308

---

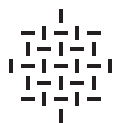
Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira

B869.308

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Direitos autorais generosamente concedidos pelas editoras Companhia das Letras e Pallas. Imagem da capa: *Pinheiros ao longo da costa (1896)* de Henri-Edmond Cross, Cortesia do Museu Metropolitano de Arte, MET, Nova York, EUA.



**braudel  
instituto**

Programa  
Círculos  
de Leitura

**Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial  
Programa Círculos de Leitura**

Rua Ceará, 2, São Paulo - SP  
CEP 01243-010

Tel.: 11 3824-9633

E-mail: [ifbe@braudel.org.br](mailto:ifbe@braudel.org.br)

Instagram: [@circulosdeleitura.org.br](https://www.instagram.com/circulosdeleitura.org.br)

<https://site.braudel.org.br/>

Este livro foi composto em Ruda e Georgia e  
impresso em abril de 2024 pela Margraf,  
tiragem: 15.000.

Estamos inscritos nas lembranças, na conversa  
infinita, no Grande Tempo.



PATROCÍNIOS



**VULCABRAS**

**ultragaz**

Instituto  
Rodobens



PARCEIROS INSTITUCIONAIS

**FAAP**

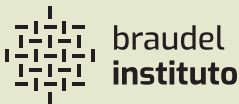


**arco**instituto<sup>+</sup>

APOIO INSTITUCIONAL



IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO



Programa  
Círculos  
de Leitura

REALIZAÇÃO



## A arte de ser feliz

Cecília Meireles

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na ponta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa, e sentia-me completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco. Um barco carregado de flores. Para onde iam aquelas flores? Quem as comprava? Em que jarra, em que sala, diante de quem brilhariam na sua breve existência? E que mãos as tinham criado? E que pessoas iam sorrir de alegria ao recebê-las? Eu não era mais criança, porém minha alma ficava completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo o dia sentada uma mulher, cercada de crianças. E contava estórias. Eu não podia ouvir, da altura da janela; e mesmo que a ouvisse, não a entenderia, porque isso foi muito longe, num idioma difícil. Mas as crianças tinham tal expressão no rosto,

*(continua na contracapa)*

*(inicia na orelha)*

e às vezes, faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis, que eu que participava do auditório imaginava os assuntos e suas peripécias — e me sentia completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada e o jardim parecia morto. Mas, todas as manhãs vinha um pobre homem com um balde e em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos: que sempre me parecem personagens de Lope de Vega. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem diante de minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.